



nara roesler

ART BASEL MIAMI BEACH 2025

estande H17

preview

4 de dezembro
quinta-feira

aberto ao público

5–7 de dezembro
sexta-feira – domingo

miami beach

convention center

1901 convention center drive
miami beach, eua

An abstract painting featuring a prominent vertical crease down the center. The composition is dominated by large, organic, flowing shapes. The top half is primarily a deep blue, with a large, pale yellow, semi-circular shape on the left side. Below this, there are several smaller, elongated shapes in shades of green and purple. The bottom half of the painting is more complex, with a mix of light blue, white, and pale yellow areas. A bright yellow, elongated shape is visible on the right side, and a small, dark, circular shape is on the left. The overall effect is one of fluid, organic movement, with the vertical crease acting as a central axis of symmetry.

cristina
canale

Cristina Canale

Sedução, 2025

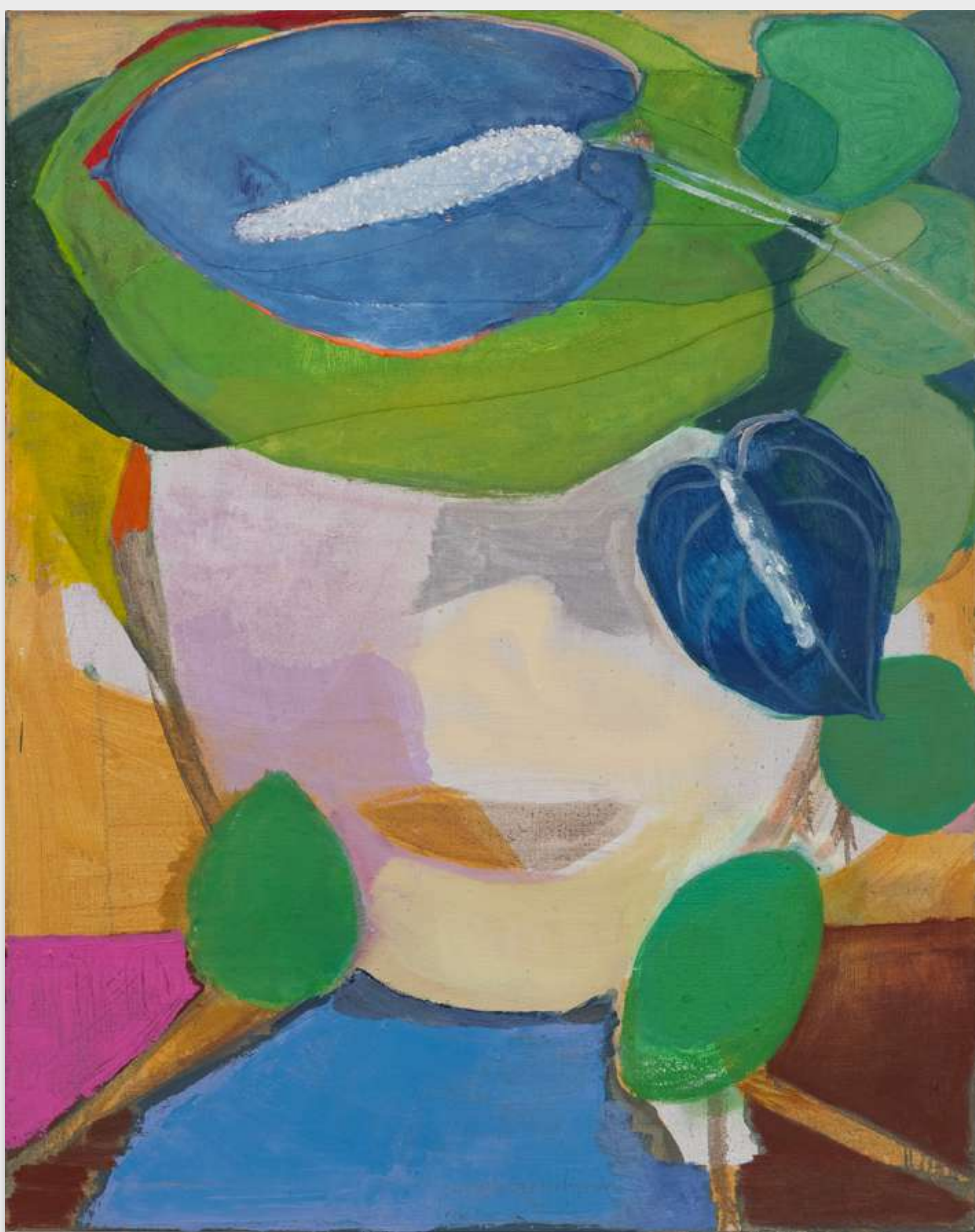
tinta acrílica, tinta óleo, spray

acrílico, bastão a óleo sobre linho

2 partes de 190 x 170 cm (cada) / 190 x 340 cm (total)



Cristina Canale
Mulher-vaso, 2025
tinta acrílica e óleo e colagem
de tecido sobre linho
100 x 88 cm





[mais sobre a artista](#) →



**not
vital**

Not Vital
Moon, 2024
aço inox
Ø 155 cm





[mais sobre o artista](#) →

The background is a textured green surface. A large, bright red shape, resembling a stylized 'L' or a corner, is positioned on the right side, extending from the top to the bottom. A smaller red semi-circular shape is located in the bottom-left corner.

tomie
ohtake

Tomie Ohtake
Sem título, 1982
tinta óleo sobre tela
100 x 100 cm



[mais sobre a artista](#) →

The background is an abstract composition of two main color fields. The left side is a vibrant orange-red with a fine, woven texture, resembling a piece of fabric. The right side is a deep, dark purple with a similar texture. The two colors meet in a vertical seam down the center, with some subtle blending and darker tones at the bottom right corner.

karin lambrecht

Karin Lambrecht

Murmurar, Sussurrar o Mar, 2025

pigmentos em resina acrílica sobre lona

172 x 157 x 3,5 cm

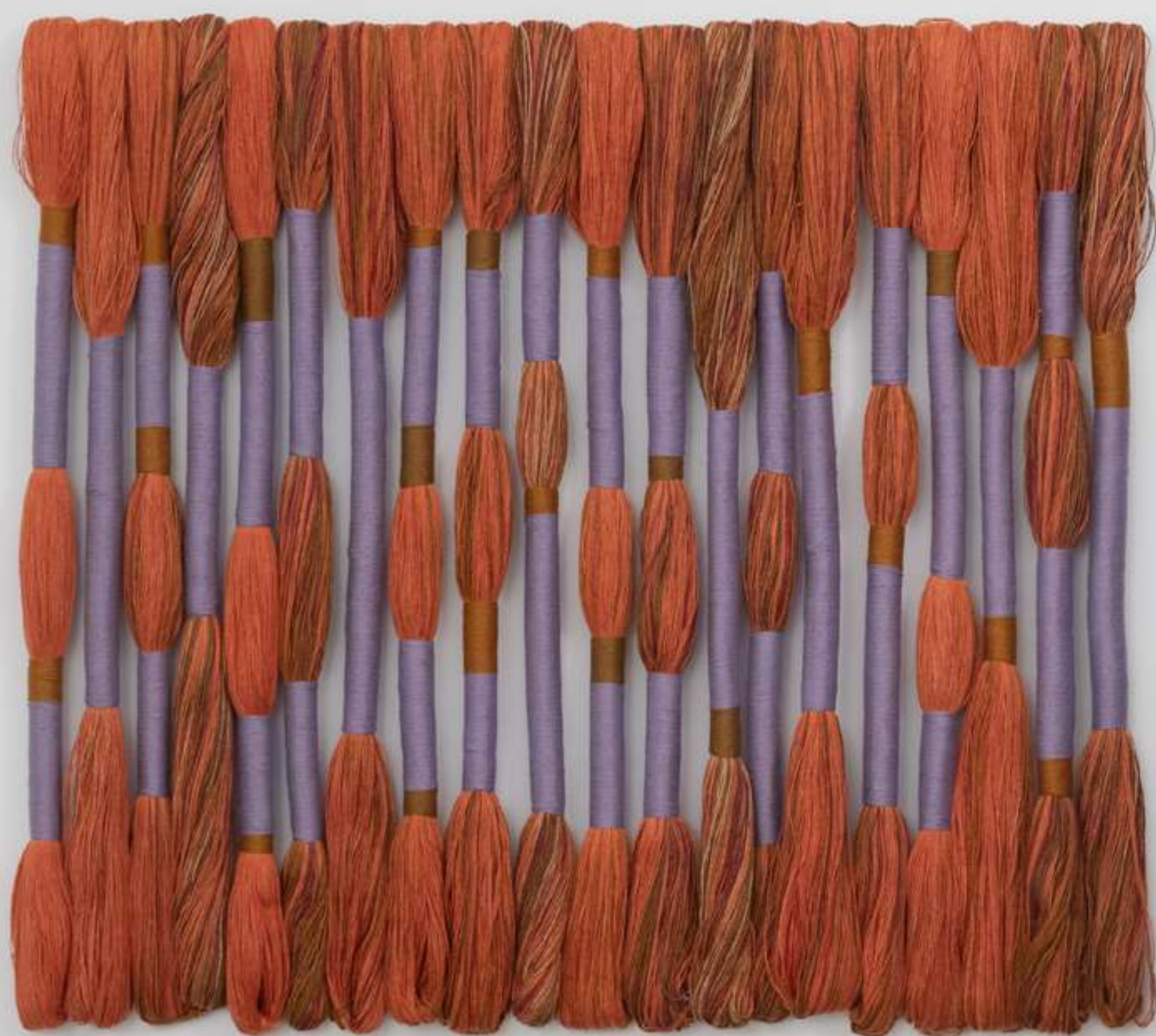


[mais sobre a artista](#) →



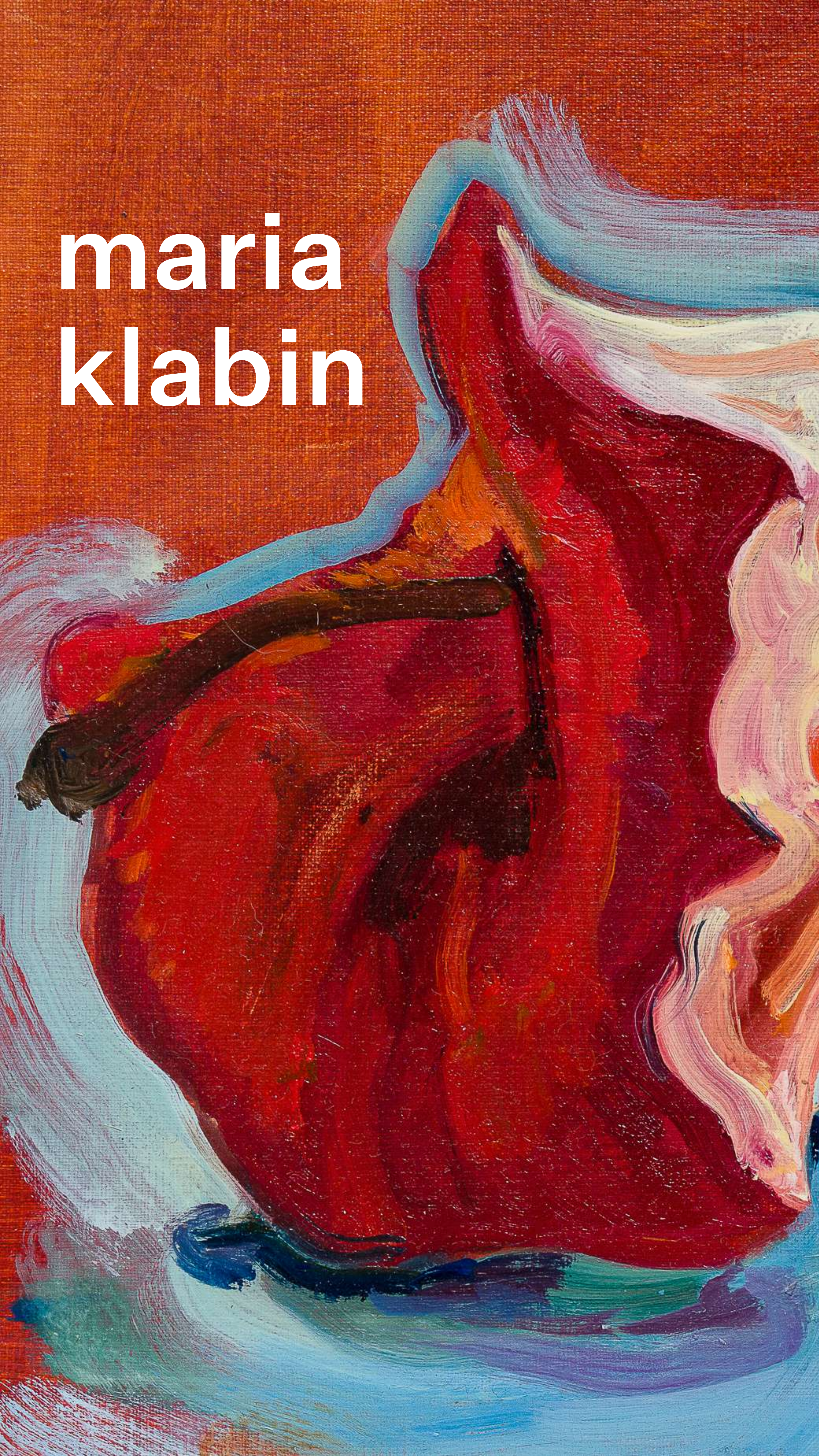
sheila
hicks

Sheila Hicks
Uirapuru, 2025
linho, algodão e seda
100 x 112 cm



[mais sobre a artista](#) →

maria
klabin



Maria Klabin
Depois 2, 2025
tinta óleo sobre linho
65 x 80 x 3 cm



Maria Klabin
Jonas, 2025
tinta óleo sobre linho
40 x 50 cm



[mais sobre a artista](#) →



**amelia
toledo**

Amelia Toledo
*Campo de cor (série
Campos de cor)*, 1990
tinta acrílica sobre juta
150,5 x 60,5 x 2,5 cm



[mais sobre a artista](#) →



vik
muniz

Vik Muniz

*Mulher com sombrinha, a partir de
Claude Monet (série Brushstroke), 2025*
impressão jato de tinta em papel archival
160,7 x 127 cm



[mais sobre o artista](#) →



daniel
senise

Daniel Senise
Sem título, 2025
monotipia de parede e piso
em tecido e médium acrílico
210 x 125 x 5,5 cm



[mais sobre o artista](#) →



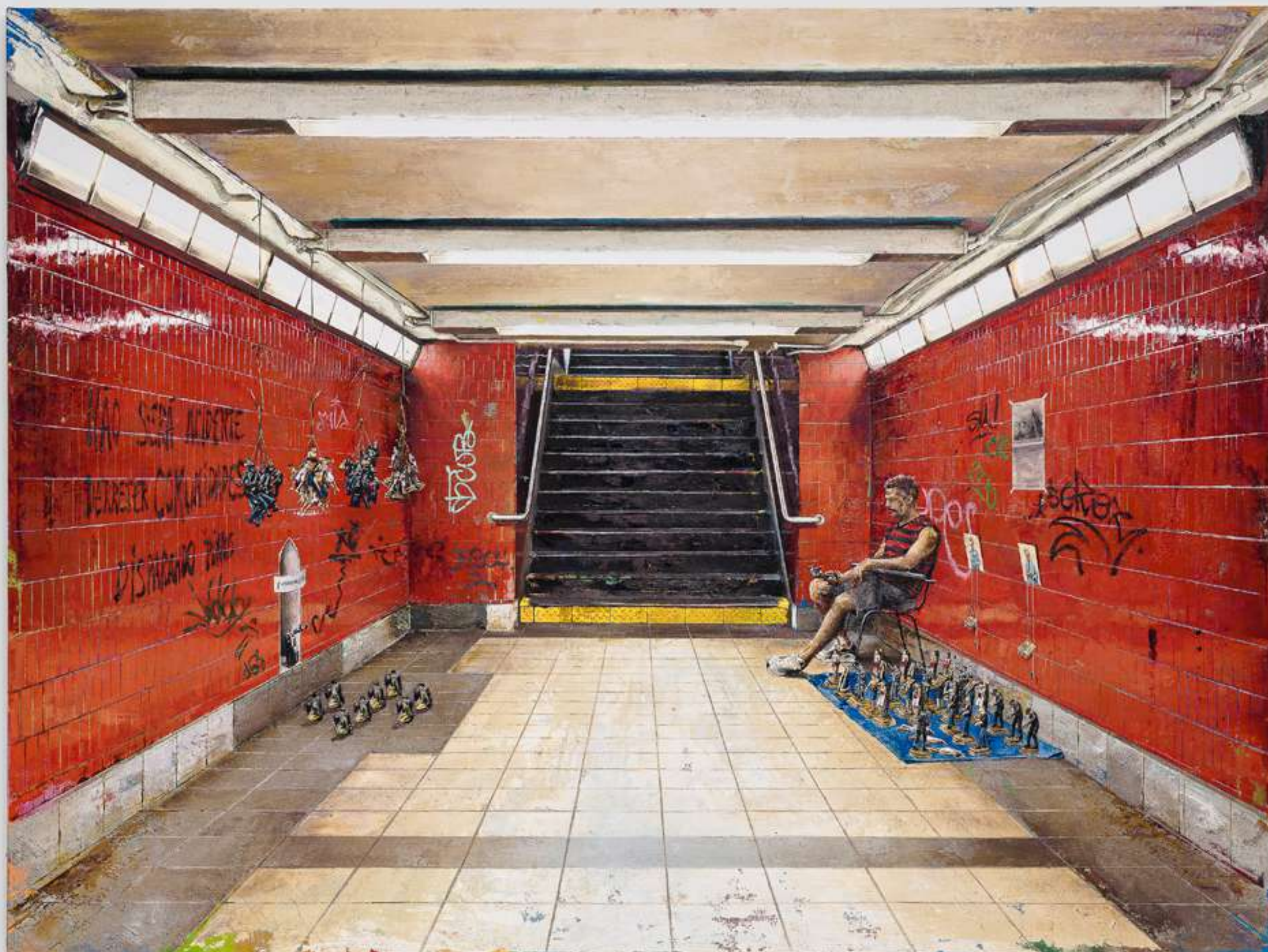
**andré
griffio**

André Griffo

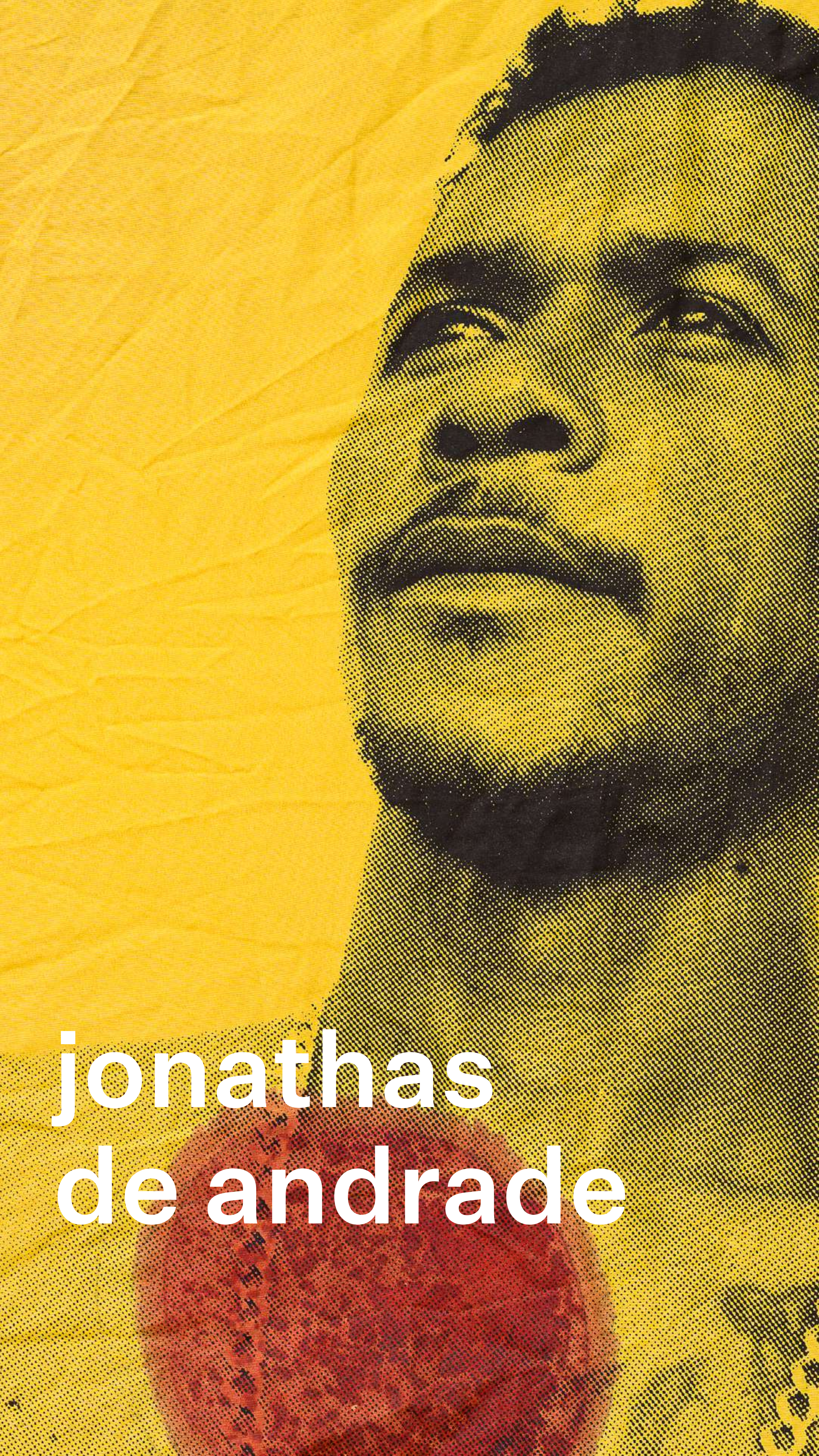
O vendedor de miniaturas #11, 2025

tinta acrílica e tinta a óleo sobre tela

177 x 237 x 3,5cm



[mais sobre o artista](#) →



jonathas
de andrade

Jonathas de Andrade

Jangadeiro Pedro David e a vela amarelo-fogo

(série *Jangadeiros alagoanos*), 2025

tinta e impressão de serigrafia sobre tecido

único

125 x 115 x 5 cm (bastidor) | dimensões variáveis (vela)



[mais sobre o artista](#) →



**mônica
ventura**

Mônica Ventura
Passarinhas, 2025
porcelana, latão, madeira
e folha de ouro
46 x 16 x 20 cm



Mônica Ventura
Passarinhas, 2025
porcelana, latão,
madeira e folha de ouro
56 x 17 x 13 cm



Mônica Ventura
Passarinhas, 2025
porcelana, latão,
madeira e folha de ouro
43 x 17 x 15 cm



asuka
anastacia
ogawa



Asuka Anastacia Ogawa
Sem título, 2025
tinta acrílica sobre tela
120 x 120 cm



[mais sobre o artista](#) →



**isaac
julien**

Isaac Julien

Um Maravilhoso Emaranhado em bronze

/ A Marvellous Entanglement in bronze

(Lina Bo Bardi - A Marvellous Entanglement), 2019

tinta acrílica sobre tela

60 x 80 cm



[mais sobre o artista](#) →



**carlito
carvalhosa**

Carlito Carvalhosa
Sem título, da série Dedinhos, 2020
tinta óleo e cera sobre madeira
50 x 40 cm



Carlito Carvalhosa
Sem título, da série Dedinhos, 2020
tinta óleo e cera sobre madeira
50 x 40 cm





jose
dávila

Jose Dávila

*The fact of constantly returning to
the same point or situation , 2024*

serigrafia sobre linho loomstate

180 x 210 x 6 cm



Jose Dávila

*The fact of constantly returning to
the same point or situation , 2024*

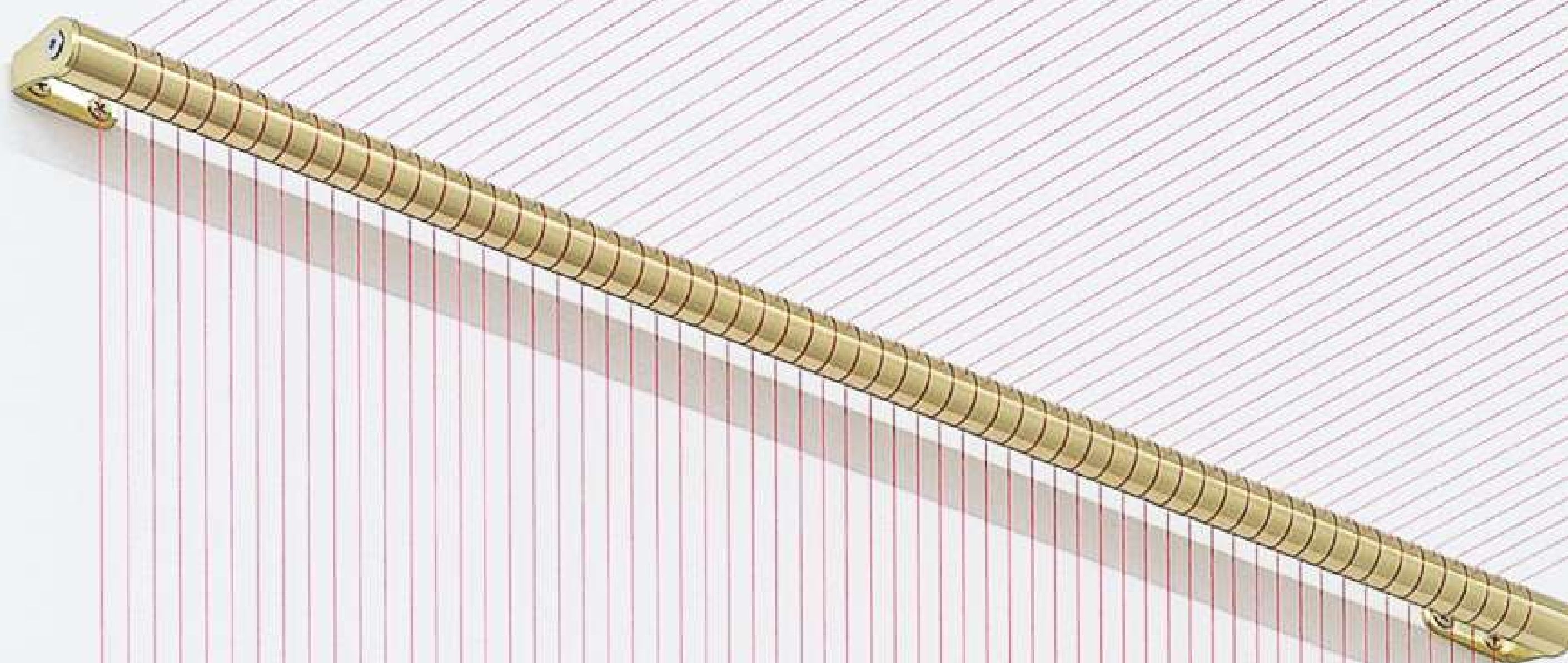
serigrafia sobre linho loomstate

duas peças de 140 x 113,2 x 6 cm (cada) | 140 x 226,4 x 6 cm (cada)



[mais sobre o artista](#) →

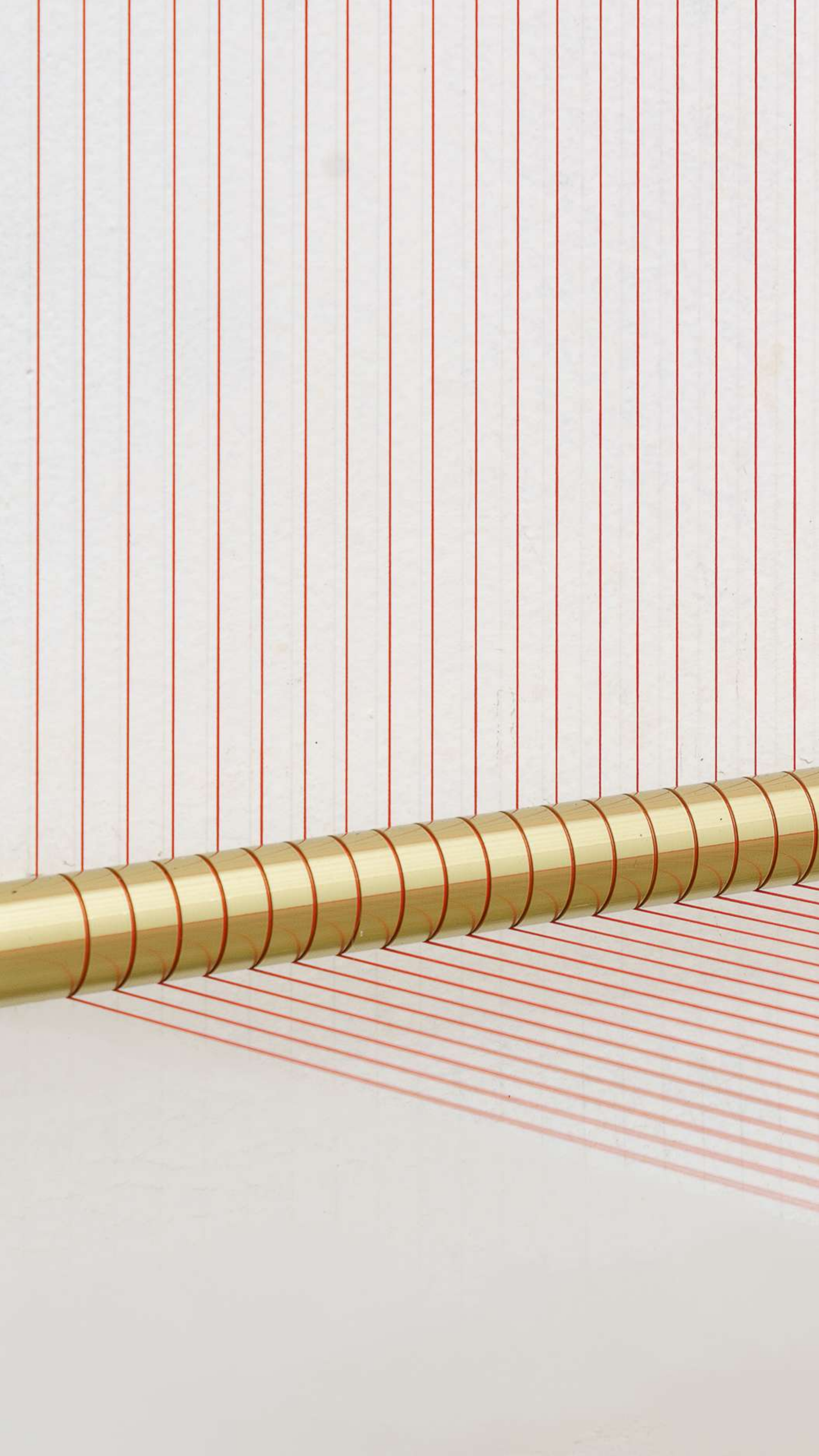
**artur
lescher**

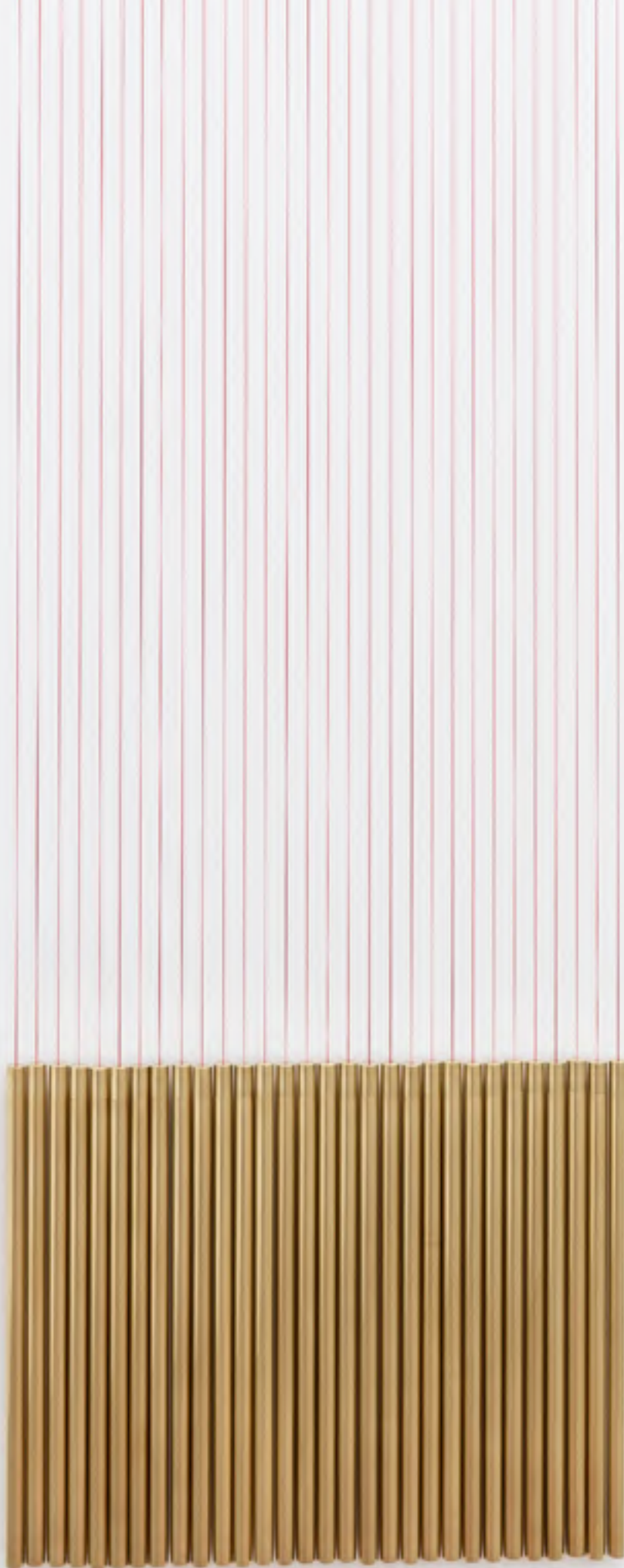




Artur Lescher
Zurigo, 2025
latão, alumínio com pintura
automotiva e linha de multifilamento
edição de 5 + 2 PA
dimensões variáveis (pêndulo: 180 x Ø 10,5 cm)







mais sobre o artista →

An abstract black and white geometric pattern composed of various rectangular and trapezoidal shapes. Some shapes are solid black, while others are white with black borders. The shapes are arranged in a way that creates a sense of depth and perspective, with some elements appearing to recede into the background and others coming forward. The overall effect is a complex, layered composition of geometric forms.

julio le parc

Julio Le Parc
Disonancia 2, 1958-2016
tinta acrílica sobre tela
130 x 130 cm





Julio Le Parc
Modulation 1119, 2003
tinta acrílica sobre tela
100 x 100 cm



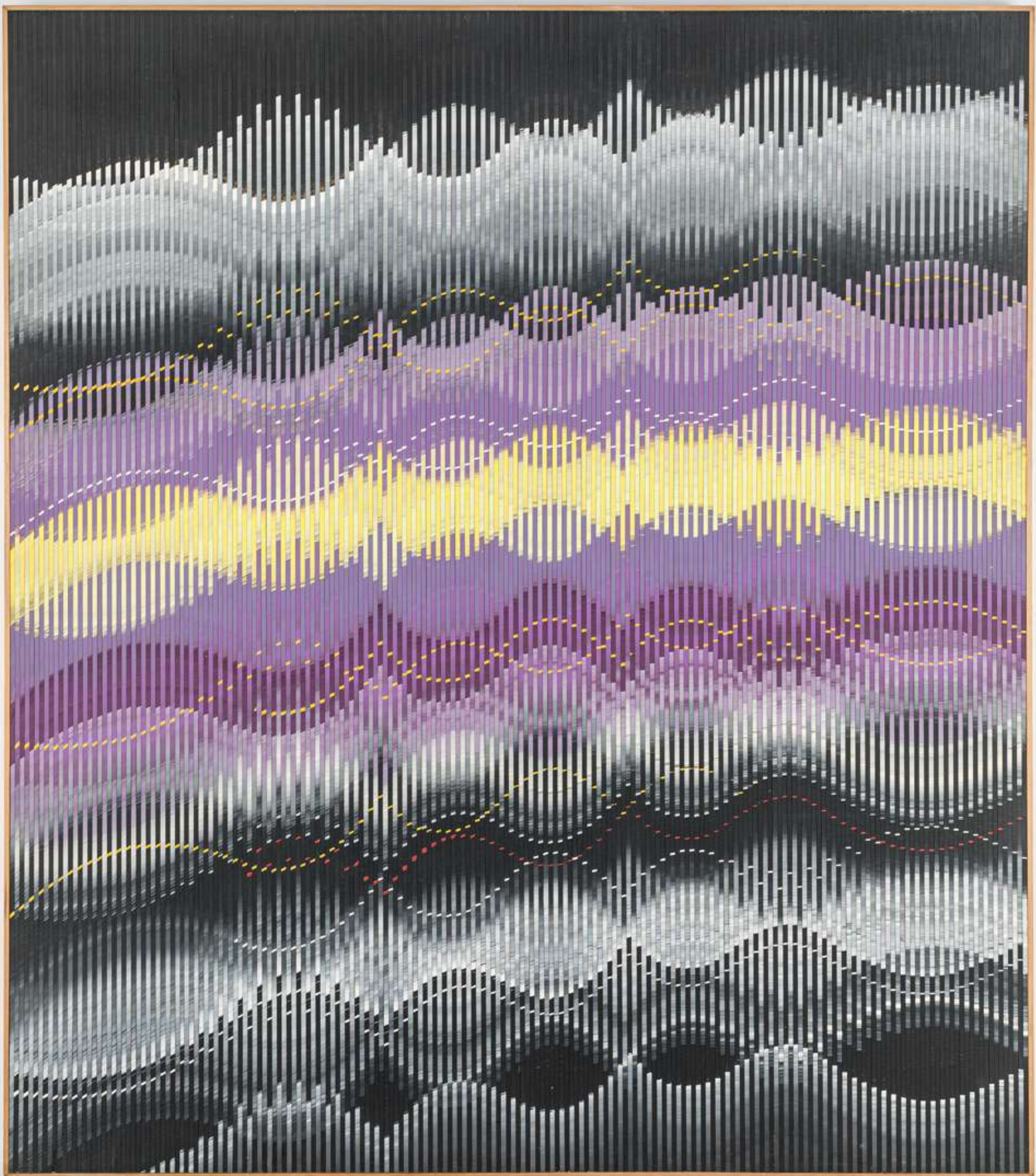


**abraham
palatnik**

Abraham Palatnik
Sem título, 2016
relevo, tinta alquídica
sobre acrílico
66 x 43 x 4 cm



Abraham Palatnik
W-706, 2015
tinta acrílica sobre madeira
124 x 109 cm



[mais sobre o artista](#) →



heinz
mack

Heinz Mack

Sem título (Chromatic Constellation), 2020

tinta acrílica sobre tela

118 x 148 cm



[mais sobre o artista](#) →



sérgio sister

Sérgio Sister
Origâmi azul, 2025
tinta óleo sobre papel
kozy e papel filtro
96 x 85 cm



[mais sobre o artista](#) →

**manoela
medeiros**



Manoela Medeiros

Tropical still life, black seeds, 2025

tinta acrílica, massa acrílica, pigmento
mineral e escavação sobre tela

70 x 51,5 x 5 cm



Manoela Medeiros

Tropical still life, plant steam, 2025

tinta acrílica, massa acrílica, pigmento mineral e escavação sobre tela

70 x 50 x 4,5 cm



[mais sobre a artista](#) →



**brígida
baltar**

Brígida Baltar
Secrets of the sea, 2021
bronze com banho de prata
66 x 35 x 35 cm



Brígida Baltar
Secrets of the sea, 2021
bronze com banho de prata
47 x 25 x 24 cm



Brígida Baltar
A pele da planta, 2020
bordado sobre algodão
20 x 35 cm



[mais sobre a artista](#) →



lucia
koch



Lucia Koch
Arroz Jasmim, 2023
impressão de pigmento em
papel de algodão, UV fosco
edição de 3 + 1 PA
100 x 100 cm



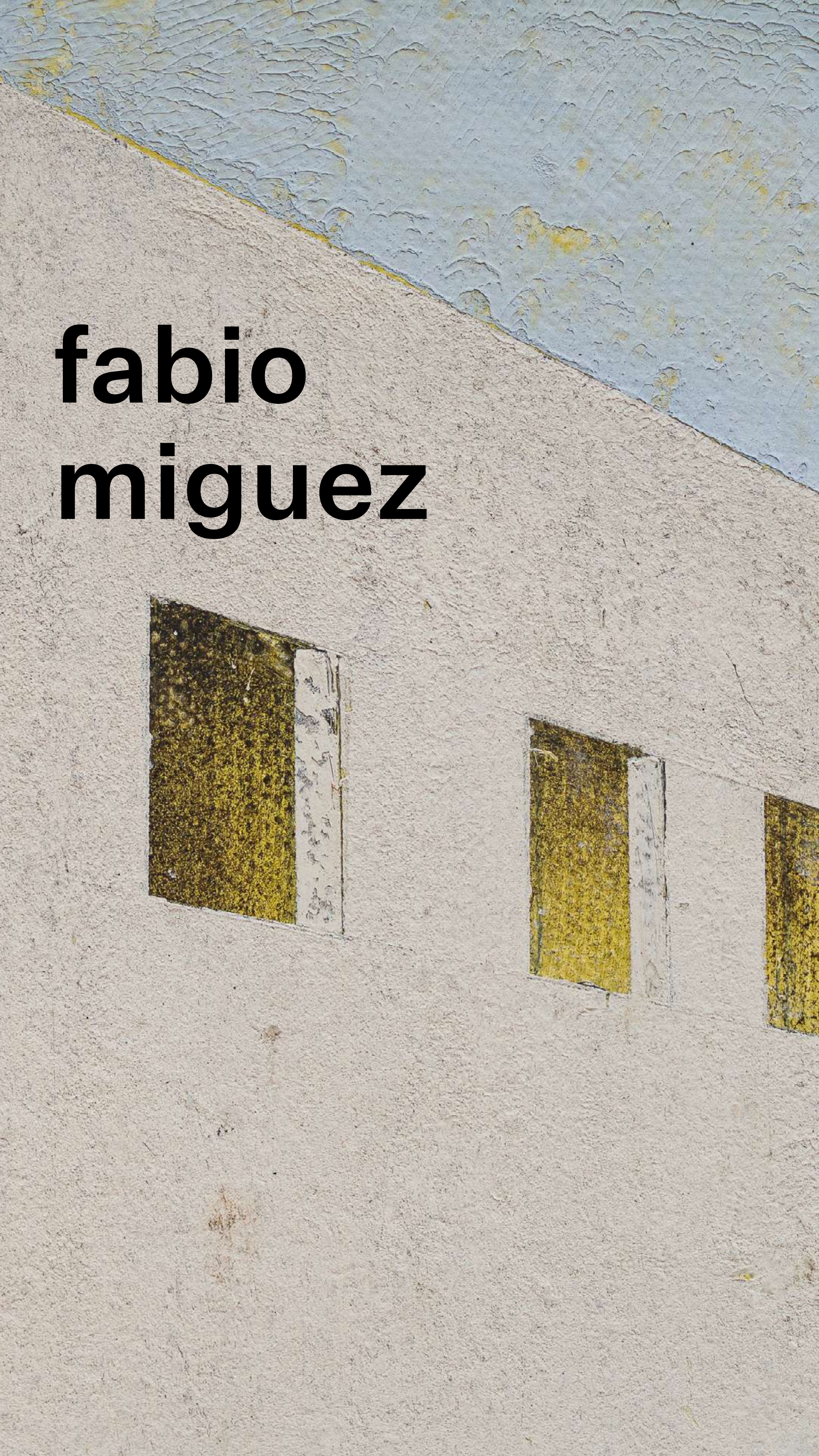


antonio
dias

Antonio Dias
Sem título, 1994
tinta óleo e folha
de ouro sobre tela
80 x 140 cm



[mais sobre o artista](#) →



**fabio
miguez**

Fabio Miguez
Sem título (Maranhão), 2024
tinta óleo e cera sobre linho
30 x 30 x 2 cm



—
Fabio Miguez
Sem título (Maranhão), 2024
tinta óleo e cera sobre linho
30 x 30 x 2,5 cm

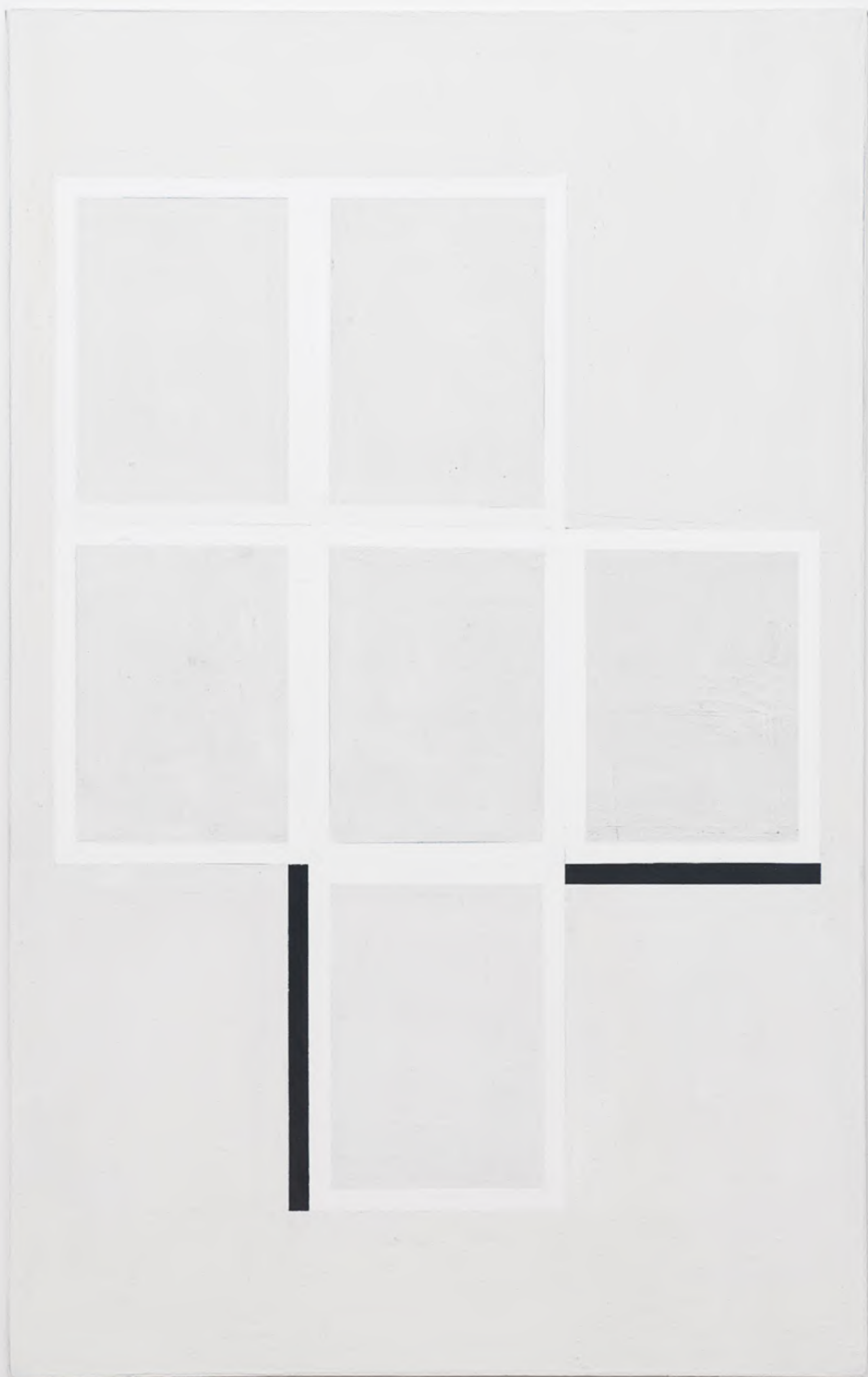


Fabio Miguez

Sem título (Folds/Vestments series), 2024

tinta óleo e cera sobre linho

160 x 100 x 3,5 cm



[mais sobre o artista](#) →

marcos
chaves



Marcos Chaves

Combinação #7 (série Pares), 2025

impressão digital sobre papel de algodão

edição de 5 + 2 PA

60 x 80 cm e 60 x 45 cm



[mais sobre o artista](#) →

An abstract artwork featuring a large, dark red face with closed eyes and a small, curved mouth, set against a textured blue background. The face is surrounded by various organic shapes in yellow, orange, and green, some with serrated edges. The overall style is reminiscent of mid-century modern or folk art.

thiago
barbalho

Thiago Barbalho
Invasão litoral, 2025
tinta óleo, tinta acrílica, lápis
grafite, lápis de cor e marcador
permanente sobre tela
172,7 x 119,4 cm



[mais sobre o artista](#) →



JR

JR

Hands, composition #7, 2022

impressão em preto e branco sobre
papel colado em madeira bétula,
cortada com serra e moldura de noqueira
82,6 x 104,5 x 6,5 cm



[mais sobre o artista](#) →

A close-up, top-down view of a grid of white, four-hole buttons arranged in a regular pattern on a black background. The buttons are slightly raised, creating a textured effect. The lighting is even, highlighting the smooth surface of the buttons.

jósé
patrício

José Patrício

Circuito cinético nº 2, 2025

botões e esmalte sintético sobre madeira

edition of 3 + 1 PA

160 x 160 cm



[mais sobre o artista](#) →

**marco a.
castillo**



Marco A. Castillo

*Dictadura con 9 globos de
texto ovalados (terciopelo rojo)*, 2025

papel e tecido

51 x 37 x 8 cm



Marco A. Castillo
Wakamba 23, 2025
cartão
100 x 70 x 16,5 cm



Marco A. Castillo

*Dictadura con 9 globos de texto
rectangulares (violeta), 2025*

papel e tecido

42 x 31,5 x 10,7 cm



[mais sobre o artista](#) →



**alberto
pitta**

Alberto Pitta

Casa D'Ogum (série Moradismo), 2025

pintura e serigrafia sobre tela

186 x 172 cm

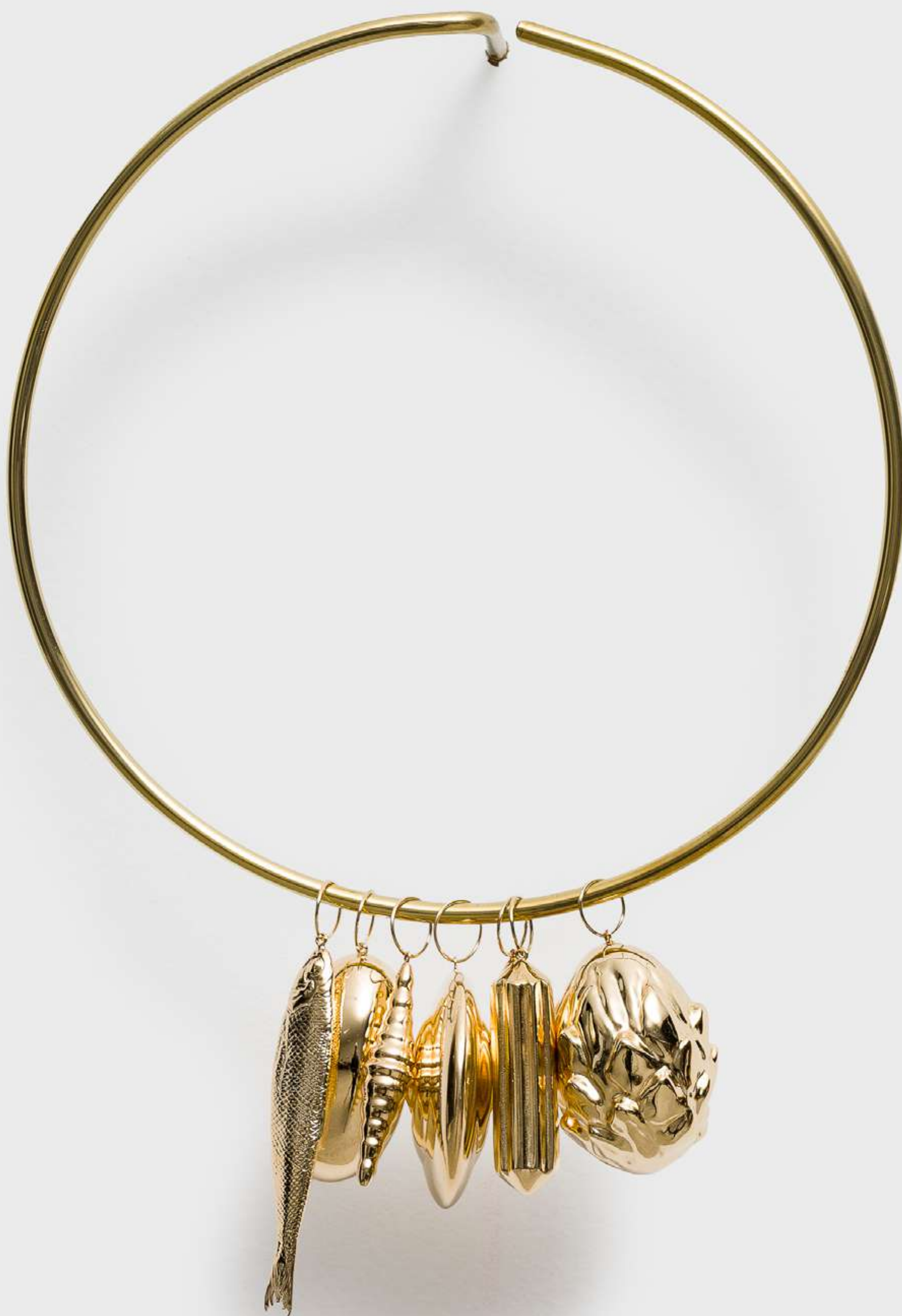


[mais sobre o artista](#) →



laura
vinci

Laura Vinci
Balangandã # 01, 2024
latão envernizado e
latão banhado a ouro
edição de 5 + 2 PA
37 x 25 x 8 cm



[mais sobre a artista](#) →

[clique para voltar para o início do preview](#) ↑

mais sobre os artistas

cristina canale

n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil
vive e trabalha em Berlim, Alemanha

Cristina Canale surgiu no circuito de arte ao participar da emblemática coletiva *Como vai você, Geração 80?*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage), no Rio de Janeiro, em 1984. Como no caso de muitos de seus colegas da chamada “Geração 80”, sua produção inicial está em consonância com o processo de retomada da pintura no contexto internacional, influenciado pela tendência do neoexpressionismo alemão. Carregadas de elementos visuais e volume de tinta, suas primeiras pinturas apresentam um caráter matérico, distinguindo-se pelo uso intuitivo de cores contrastantes e vivas que é notável em suas obras até hoje. No começo da década de 1990, Canale mudou-se para Düsseldorf, na Alemanha, onde estudou sob orientação do artista conceitual holandês Jan Dibbets. Suas composições passaram a investigar a espacialidade, a partir da sugestão de planos e profundidades e da maior fluidez no uso das cores, características que marcaram sua produção nesse período.

Geralmente baseadas em cenas prosaicas do cotidiano, muitas vezes extraídas da fotografia publicitária, suas obras resultam de um elaborado trabalho de composição e se destacam por transitar entre a figuração que se esvai na abstração, por um lado, e a abstração que evoca uma figuração, por outro. Para o curador e crítico de arte Tiago Mesquita, a produção de Canale contrapõe-se à busca por estruturas de constituição da imagem conforme praticado por artistas como Gerhard Richter e Robert Ryman, uma vez que aborda “a imagem e os gêneros consagrados da pintura de forma subjetiva, acreditando em uma experiência singular”.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *Cristina Canale - dar forma ao mundo*, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *A Casa e o Sopro*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2024)
- *The Encounter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Cabeças/falantes*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- *Cristina Canale: Zwischen den Welten*, Kunstforum Markert Gruppe, Hamburgo, Alemanha (2015)
- *Entremundos*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- *Espelho e memória – Spiegel und Erinnerung*, Galerie Atelier III, Barmstedt, Alemanha (2014)
- *Arredores e rastros*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2010)

exposições coletivas selecionadas

- *Fullgás: Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil*, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Co/respondencias: Brasil e exterior*, Nara Roesler, New York, USA (2023)
- *Ateliê de gravura: da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)

- *Mulheres na Coleção MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *MACS Fora de casa – Poéticas do feminino*, Sesc Sorocaba, Sorocaba, Brasil (2018)
- *Alucinações à beira mar*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Land der Zukunft*, Lichthof – Auswärtiges Amt, Berlim, Alemanha (2013)

coleções selecionadas

- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Museum No Hero, Delden, Países Baixos
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Hall Art Foundation, Reading, EUA
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

not vital
n. 1948, Sent, Suíça, onde vive e trabalha

Not Vital é reconhecido por sua prática baseada no intenso contato com a natureza e na adoção de um estilo de vida nômade. Sua produção normalmente provoca percepções inusitadas, frequentemente de surpresa ou estranhamento, ao deslocar para o contexto artístico formas próprias da natureza ou elementos característicos de regiões remotas, muitas vezes alterando sua escala e materialidade. Desde o começo dos anos 1980, o artista articula escultura – recorrendo, muitas vezes, a processos colaborativos com artesãos – à construção de espaços, diluindo os limites entre arte e arquitetura e estabelecendo uma íntima relação com o contexto cultural local. De fato, em seu trabalho, os objetos alteram nossa percepção tanto do ambiente em que se situam, seja pela reflexividade do material ou pelo seu posicionamento, quanto das estruturas arquitetônicas do espaço, que fogem da linguagem usual, tornando-se verdadeiras esculturas habitáveis.

Vital desenvolve também obras em pintura e desenho que dialogam com os assuntos presentes em suas propostas escultóricas e arquitetônicas. Os materiais empregados são os mais diversos, indo dos mais simples e perecíveis – café, sal, ovo – até os mais valiosos e duradouros – mármore, prata e ouro. Desde o final dos anos 1990, ele instala construções de caráter permanente em diversos lugares como Agadèz (Níger), Patagônia chilena (Chile) e Paraná do Mamori (Brasil). Além de seus chamados *habitats*, dentre os quais se destaca *House to Watch the Sunset*, essas construções incluem escolas, pontes ou túneis.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *Tirando Onda*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil (2025)
- *Not Vital: A Vida é um Detalhe*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Not Vital: Scarch*, Abbazia di San Giorgio, Veneza, Itália (2021)
- *Scarch*, Hauser & Wirth, Somerset, Reino Unido (2020)
- *Let One Hundred Flowers Bloom*, Galerie Andrea Caratsch, St. Mortiz, Suíça (2019); Ateneum, Helsinque, Finlândia (2018)
- *Saudade*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- *Yorkshire Sculpture Park*, Wakefield, Reino Unido (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Mães: Not Vital & Richard Long*, Nara

- Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- 17ª Bienal de Arquitetura de Veneza, Itália (2021)
- *Passion: Bilder von der Jagd*, Bündner Kunstmuseum Chur, Chur, Suíça (2019)
- *Surrealism Switzerland*, Aargauer Kunsthau, Aarau, Suíça (2018)
- *Illumination*, Louisiana Museum of Modern Art, Humlebæk, Dinamarca (2016)
- *Simple Forms: Contemplating Beauty*, Mori Art Museum, Tóquio, Japão

coleções selecionadas

- Bibliothèque Nationale, Paris, França
- Kunstmuseum Bern, Berna, Suíça
- Louisiana Museum of Modern Art, Humblaek, Dinamarca
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Toyota Municipal Museum of Art, Aichi, Japão

de volta ao trabalho do artista ↑

tomie ohtake
n. 1913, Kyoto, Japão
m. 2015, São Paulo, Brasil

Uma das principais figuras da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto em 1913 e mudou-se para o Brasil em 1936. Uma das principais figuras da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto em 1913 e mudou-se para o Brasil em 1936. Sua carreira como artista plástica começou na década de 1950, sob a orientação do artista japonês Keiya Sugano. Após uma fase inicial voltada para estudos figurativos em pintura, passou a explorar o abstrato. Durante esse período, criou uma série de trabalhos conhecidos como “pinturas cegas”, em que pintava com os olhos vendados. Tal prática foi sugestão do crítico Mário Pedrosa, um dos principais teóricos do movimento neoconcreto brasileiro, enfatizando a sensibilidade e a intuição em sua prática.

Em suas pinturas de meados da década de 1970 até a década de 1980, Ohtake desenvolveu um estilo distinto e inigualável de abstração figural. As suas magníficas obras, caracterizadas por formas redondas e orgânicas que preenchem o campo visual, são executadas com sutis gradações de tonalidade e extensões monocromáticas. Com isso, ela transformou o legado do modernismo brasileiro em um dos repertórios mais eloquentes da pintura tardo-moderna das Américas. Foi durante esse período que o trabalho de Ohtake assumiu uma dimensão cósmica, impulsionando sua transição para a escultura e o espaço real.

clique para ver cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Tomie Ohtake*, Pace Gallery, Tokyo, Japão (2025)
- *Tomie Ohtake Dançante*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Visible Persistence*, Nara Roesler Nova York, EUA (2021)
- *Tomie Ohtake: nas pontas dos dedos*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2017)
- *Tomie Ohtake 100–101*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2015)
- *Pinturas Cegas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- *Open Ended: SFMoMA’s Collection – 1900 to now*, SFMoMA, San Francisco, EUA (2024)
- 60ª Bienal de Veneza, *Stranieri Ovunque – Foreigners Everywhere*, Veneza Itália (2024)
- *Action, Gesture, Paint: Women Artists and Global Abstraction 1940–70*, Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido (2023)
- *Composições para tempos insurgentes*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Surface Work*, Victoria Miro, London, United Kingdom (2018)

- *Arte moderna na coleção da Fundação Edson Queiroz*, Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal (2017)
- *The World is our Home. A Poem on Abstraction*, Para Site, Hong Kong (2015)
- *Fusion: Tracing Asian Migration to the Americas Through AMA’s Collection*, Art Museum of the Americas, Washington DC, EUA (2013)

coleções selecionadas

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA
- San Francisco Museum of Modern Art (SFMoMA), San Francisco, EUA
- M+, Hong Kong
- Metropolitan Museum of Art (MET), Nova York, EUA
- Mori Art Museum, Tóquio, Japão
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

karin lambrecht
n. 1957, Porto Alegre, Brasil
vive e trabalha em Broadstairs, Reino Unido

Toda a produção de Karin Lambrecht em pintura, desenho, gravura e escultura demonstra uma multifacetada preocupação com as relações entre arte e vida, compreendida em sentido abrangente: trata-se de vida natural, vida cultural e vida interior. Para o pesquisador Miguel Chaia, os processos técnico e intelectual de Lambrecht se inter-relacionam e se mantêm evidentes nas obras para criar uma “visualidade espalhada na superfície e direcionada para a exterioridade”. Seu trabalho é ação que funde corpo e pensamento, vida e finitude.

No início da carreira, Lambrecht repensou a tela e a forma de pintar, em alguns trabalhos ela elimina o chassi, costura tecidos, e usa retalhos chamuscados. A abstração gestual, característica da “Geração 80”, da qual fez parte, possui papel central em seus trabalhos. Sua prática expande a noção tradicional de pintura e estabelece diálogos entre Arte Povera e Joseph Beuys, entre aspectos políticos, mas também materiais. Os volumes pesam como corpos, as delimitações ou negações do espaço dialogam com a escala que seus trabalhos assumem. A partir da década de 1990, a artista inclui materiais orgânicos em suas telas, como terra e sangue, o que determinou, em alguma medida, o repertório cromático que aparece então. Além do sangue animal, são elementos recorrentes em seu trabalho as formas cruciformes e as referências ao corpo, índices de diferentes níveis de identificação do espectador com a obra.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *Seasons of the Soul*, Rothko Museum, Daugavpils, Letonia (2024)
- *Seasons of the Soul*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Karin Lambrecht – Entre nós uma passagem*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *Karin Lambrecht – Assim assim*, Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Nem eu, nem tu: Nós*, Espaço Cultural Santander, Porto Alegre, Brasil (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Fullgás: Artes Visuais e anos 1980 no Brasil*, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Acervo em transformação: Doações recentes*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2021)
- *Alegria: A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)

- *O espírito de cada época*, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2015)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)
- *Violência e paixão*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil; Santander Cultural, Porto Alegre, Brasil (2002)
- 4ª Bienal de Havana, Cuba (1992)
- 19ª Bienal de São Paulo, Brasil (1987)

coleções selecionadas

- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA
- Ludwig Forum fur Internationale Kunst, Aachen, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

sheila hicks

n. Hastings, EUA, 1934

Vive e trabalha em Paris, França

Sheila Hicks é uma das mais importantes artistas do modernismo tardio no Ocidente, além de pioneira no uso de técnicas têxteis para a produção de trabalhos de arte, ela possui presença destacada no panorama da arte contemporânea desde a década de 1960. Sua produção iniciou-se no final dos anos 1950, logo após ter finalizado seus estudos na Yale Art School, em que esteve em contato com os ensinamentos de mestres como Josef Albers, Rico Lebrun, Bernard Chaet e George Kubler. Artista global avant la lettre, Hicks realizou inúmeras viagens nas quais dedicava-se a estudar a cultura de cada lugar e suas práticas locais, com foco, sobretudo, naquelas relacionadas à tecelagem e à produção têxtil em países como México, Marrocos, Índia, Coreia, Japão, Peru, Israel, Suécia e África do Sul.

Seu trabalho caracteriza-se pela investigação da escala, variando do mínimo ao monumental e frequentemente ocupando o espaço limiar entre arte, design, artesanato e arquitetura. Dentro da multiplicidade de sua produção, Sheila Hicks confere sempre à cor papel de destaque, de modo a evocar suas incursões iniciais na pintura. Ela utiliza sua prática na tecelagem como uma extensão da pintura – “uma pintora perdida na selva de fibras buscando encontrar uma saída”, brinca a artista ao comentar sua relação com a técnica têxtil. Hicks também se tornou conhecida por utilizar uma vasta gama de materiais, desde pedaços de ardósia e fios até uniformes de enfermeiros e militares. Recentemente, Hicks começou a realizar experimentos com materiais biodegradáveis, que, embora estejam fadados a se desintegrar fisicamente, não chegam propriamente a desaparecer, uma vez que a artista procura despertar, ou construir, experiências memoráveis, perenes a auráticas.

exposições individuais selecionadas

- *Reencuentro*, Museo Chileno de Arte Precolombino, Santiago, Chile (2019)
- *Sheila Hicks: Lignes de Vie*, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2018)
- *Hop, Skip, Jump, and Fly: Escape From Gravity*, The High Line, Nova York, EUA (2017)
- *Sheila Hicks: Hilos libres. El textil y sus raíces prehispánicas, 1954–2017*, Museo Amparo, Puebla, México (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Surrounds – 11 installations*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
- *Weaving Beyond the Bauhaus*, The Art Institute of Chicago, Chicago, EUA (2019)
- *Making Knowing: Craft in Art, 1950-2019*, Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA (2019)

-
- *Beyond Craft*, Tate Modern, London, Reino Unido (2018)
 - *Voyage d’Hiver*, Château de Versailles, Versailles, França (2017)
 - 57th Biennale di Venezia, Venice, Itália (2017)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Industriet Museum, Oslo, Noruega
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- National Museum of Modern Art, Tóquio, Japão
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Países Baixos
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido)

maria klabin

n. 1978, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

A obra de Maria Klabin envolve cenas, ocorrências e paisagens permeadas pelo cotidiano e, portanto, vistas e vivenciadas de forma exaustiva. Ao lidar com elementos onipresentes, Klabin extrai a cadência de sua recorrência, buscando captar o ritmo formal embutido na repetição, ou banalidade, de sua experiência. O processo da artista consiste em produzir e reunir constantemente desenhos, fotografias e anotações que ela extrai de seu entorno. O acúmulo de pensamentos e imagens se entrelaçam e integram um sentido unitário, desvelando as intrigantes relações que constituem o centro das investigações pictóricas da artista. Em suas próprias palavras, Klabin desenvolve seu trabalho “como se estivesse escrevendo uma história, ou um diário, mas um diário de coisas que não aconteceram realmente. É uma narrativa que pode ser contada apenas através da pintura, mas que aborda temas que parecem mais familiares para escritores do que para pintores.”

Maria Klabin oscila entre extremos no que diz respeito a escala de seus trabalhos, produzindo pinturas ora pequenas, ora monumentais, a depender da natureza do tema abordado. Suas telas em reduzidas dimensões costumam servir de suporte para os fluxos rápidos de pensamento – como anotações em papel, que possivelmente tomam proveito do seu inconsciente – e capturam, efetivamente, o ritmo de seu entorno. Suas pinturas em grande formato, por sua vez, incorporam percepções de cunho mais contemplativo e onírico. Recentemente, Klabin produziu uma série de pinturas de paisagens que se aproximam da escala do mural, partindo de fragmentos de elementos autobiográficos, destilados do que ela descreve como uma improvável e fluida colcha de retalhos da memória, o que resulta em composições não atraentes e assustadoras que escapam a objetividade.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *Lingua D’água*, Nara Roesler, São Paulo (2025)
- *Liquid Air*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *Paisagem com Casinha*, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Entre rio e pedra*, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *E o dia havia acabado, quando começou*, Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *Abrasive Paradise*, Kunsthall KADE, Amstersfoort, Países Baixos (2022)
- *In Waiting: Works Produced in Isolation*, Nara

Roesler, São Paulo, Brasil (2020)

- *Já estava assim quando eu cheguei*, Ron Mandos, Amsterdam, Holanda (2020)
- *Festival de Arte Contemporânea*, SESC VideoBrasil, São Paulo, Brasil (2012)
- *Novas aquisições da Coleção Gilberto Chateaubriand*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Rumos 2005/06 Paradoxos Brasil*, Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2006)
- *Além da imagem*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2006)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

amelia toledo
n. 1926, São Paulo, Brasil
m. 2017, Cotia, Brasil

Amelia Toledo iniciou seus estudos em arte no final dos anos 1930, quando frequentou o Ateliê de Anita Malfatti. Na década seguinte, estudou com Yoshiya Takaoka e Waldemar da Costa. Em 1948 atuou com desenho de projetos no escritório do arquiteto Vilanova Artigas. Esse contato com figuras chave da arte moderna brasileira, assim como sua experiência no laboratório de anatomia patológica de seu pai, possibilitaram o desenvolvimento de um trabalho multifacetado que faz uso de diversas linguagens como escultura, pintura e gravura. Essa produção floresceu, ainda, no convívio com outros artistas de sua geração, tais como Mira Schendel, Tomie Ohtake, Hélio Oiticica e Lygia Pape.

A diversidade de meios de Amelia Toledo é reveladora de um espírito voltado para uma investigação expandida das possibilidades artísticas. A partir dos anos 1970 a produção da artista ultrapassa a gramática construtiva, que fazia uso de elementos geométricos regulares e curvas, e passa a se debruçar sobre formas da natureza. Toledo começa a colecionar materiais como conchas e pedras, e a paisagem passa a se tornar um tema fundamental de sua prática. Já a pintura da artista possui inclinações monocromáticas, revelando seu interesse pela pesquisa com a cor.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *Amelia Toledo: Paisagem cromática*, Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: 1958-2007*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Amelia Toledo – Lembrei que esqueci*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Amelia Toledo*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2009)
- *Novo olhar*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2007)
- *Viagem ao coração da matéria*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Pop Brasil: Vanguarda e Nova Figuração*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2025)
- *Constelação Clarice*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Radical Women: Latin American Art, 1960–1985*, Hammer Museum, Los Angeles, EUA (2017); Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2018); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)

- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 0ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *Um ponto de ironia*, Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, Brasil (2011)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)
- *Brasileana MASP: Moderna contemporânea*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2006)

coleções selecionadas

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

vik muniz
n. 1961, São Paulo, Brasil
vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Nova York, EUA

A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate e até lixo, o artista meticulosamente compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual ocidental, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, “sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para ‘ler’ uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento”.

Muniz também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte e da criatividade como fator de transformação em comunidades brasileiras carentes e criando, ainda, trabalhos que buscam dar visibilidade a grupos marginalizados na nossa sociedade.

clique para ver cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Vik Muniz - A Olho Nu*, Instituto Ricardo Brennand, Recife, Brasil (2025)
- *Flora Industrialis*, Museo Universidad de Navarra, Pamplona, Espanha (2023)
- *Dinheiro Vivo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Vik Muniz*, Sarasota Museum of Art (SMOA), Ringling College of Art and Design, Sarasota, EUA (2019)
- *Imaginária*, Solar do Unhão, Museu de Arte Moderna de Salvador (MAM-BA), Salvador, Brasil (2019)
- *Vik Muniz: Verso*, Belvedere Museum Vienna, Viena, Áustria (2018)
- *Afterglow – Pictures of Ruins*, Palazzo Cini, Veneza, Itália (2017)
- *Relicário*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *Fantastic Visions: Surreal and Constructed Images*, Amarillo Museum of Art, EUA (2022)
- *Art of Illusion*, Nelson-Atkins Museum of Art, Kansas City, EUA (2021)
- *Citizenship: A Practice of Society*, Museum

- of Contemporary Art, Denver, EUA (2020)
- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019)
- *Naar Van Gogh*, Vincent van GoghHuis, Zundert, Países Baixos (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- *Look at Me!: Portraits and Other Fictions from the “la Caixa” Contemporary Art Collection*, Pera Museum, Istambul, Turquia (2017)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

daniel senise

n. 1955, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro e São Paulo, Brasil

Daniel Senise é um dos representantes da chamada Geração 80, marcada pelo processo de retomada da pintura no Brasil. Desde o final da década de 1990, sua prática artística consiste no que pode ser descrito como “construção de imagens”. O processo começa com a impressão de superfícies – como pisos de madeira ou paredes de concreto – sobre tecidos, à maneira de monotípias. Esse material serve de base para suas obras, seja como área a ser trabalhada ou como fragmento a ser colado sobre outra imagem, frequentemente, fotográfica.

Sua produção tem forte relação com o espaço, cujos restos são incorporados aos trabalhos, de modo que ele passa a ser apresentado não só como figuração, mas também como matéria exposta. Cerâmicas quebradas, barras de metal, pedaços de madeira, poeira, entre outros elementos encontrados, são fixados sobre as imagens, servindo como anteparos que dificultam com que ela seja vista e, ao mesmo tempo, ressaltam seu caráter de rastro. Cria-se um jogo entre a realidade da matéria e sua representação. Por outro lado, o tempo também se faz fundamental, sobrepondo cronologias, gestos e vivências, a partir das complexas relações entre permanência e desaparecimento.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *Vivo Confortavelmente no Museu*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2025)
- *Biógrafo: Daniel Senise*, Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP), São Paulo, Brasil (2023)
- *Verônica*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Todos os Santos*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2019)
- *Antes da palavra*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Printed Matter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2017)
- *Quase aqui*, Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *2892*, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, Brasil (2011)
- *Pinacoteca do Estado de São Paulo*, São Paulo, Brasil (2009)
- *Vai que nós levamos as partes que te faltam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2008)

-
- *The Piano Factory*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2002)
 - *Museo de Arte Contemporáneo*, Monterrey, México (1994)
 - Museum of Contemporary Art, Chicago, EUA (1991)

exposições coletivas selecionadas

- *18ª, 20ª, 24ª e 29ª Bienal de São Paulo, Brasil* (1985, 1989, 1998, 2010)
- *11ª Bienal de Cuenca, Equador* (2011)
- *44ª Bienal de Veneza, Itália* (1990)
- *2ª Bienal de La Habana, Havana, Cuba* (1986)

coleções selecionadas

- Stedelijk Museum Amsterdam, Amsterdam, Holanda
- Ludwig Museum, Köln, Alemanha
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

andré griffo

n. 1979, Barra Mansa, Brasil

vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

A pesquisa de André Griffo é voltada para a pintura e suas relações históricas com a representação da arquitetura. Longe dos grandes discursos panfletários, o artista nos convida a dar atenção aos mínimos detalhes de suas imagens que refletem as muitas violências que dão corpo às narrativas relativas às histórias do Brasil e suas ruínas. Nesse sentido, suas telas são complexos arquivos visuais onde coexistem os mais diversos elementos, cujas relações são capazes de ressignificar e aprofundar as críticas ali presentes. O trabalho de Griffo volta-se para a crítica das estruturas de poder, em especial sobre as ficções por elas criadas para a manutenção do controle dos indivíduos. Entre elas, o artista volta-se às permanências dos efeitos da economia escravocrata na formação histórica brasileira, assim como aos mecanismos das instituições religiosas na fundação de imaginários que visam a submissão dos fiéis.

Griffo utiliza sua formação em arquitetura para elaborar espaços em que coexistem referências históricas e contemporâneas. Seus espaços, usualmente vazios, são habitados por rastros, símbolos e signos que destacam a permanência e influência do passado em problemáticas socioculturais atuais de modo fantasmático. Sua produção entrelaça o documental e o ficcional, explorando a conexão entre as disciplinas da História da Arte e da Arquitetura às questões sociais, brasileiras e mundiais. Ao sobrepor diversas temporalidades e suas complexas realidades, os trabalhos de Griffo expõem elementos constitutivos da sociedade de modo a criar relatos sobre a permanência das coisas.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *Alto Barroco*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2025)
- *Exploded View*, Nara Roesler, New York, USA (2024)
- *Voarei com as asas que os urubus me deram*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Objetos sobre arquitetura gasta*, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Intervenções pendentes em estruturas mistas*, Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *From the Ashes*, People’s Palace Project, Londres, Reino Unido (2024)

- *Contratempo*, Casa Museu Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc Vídeo Brasil, São Paulo, Brasil (2019)
- *Intervenções*, Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil (2016)
- *Ao amor do público*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Aparições*, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Instabilidade estável*, Paço das Artes, São Paulo, Brasil (2013)

coleções selecionadas

- Denver Art Museum, Denver, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Instituto PIPA, Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil

jonathas de andrade
n. 1982, Maceió, Brasil
vive e trabalha em Recife, Brasil

A fotografia, o vídeo e a instalação possuem papel central na produção do artista alagoano Jonathas de Andrade. Sua pesquisa muitas vezes envolve o diálogo com comunidades que participam da construção dos trabalhos, ampliando o alcance de vozes constantemente marginalizadas. Partindo do compromisso de costurar ficção e o documental, e em um constante exercício de reescrita da história, Jonathas busca nessa reinvenção a construção de alegorias e narrativas poéticas, que por sua vez funcionam como ferramentas potentes de questionamento das construções de gênero, classe e raça enraizadas na estrutura sociocultural brasileira.

“Penso que a existência artística, que não é privilégio dos artistas de profissão nem garantia a todos eles o tempo todo, tem a ver com um estado de atenção e emergência (...), além de uma disposição estética para a vida. Neste sentido, aquilo que trata a arte como campo isolado acaba interessando pouco. (...). Sinto força na arte pela capacidade de gerar energia em absoluta contradição e desordem dentro de um sistema; pela habilidade de tomar os xeques mates como impulso para o movimento e a transformação e não como emboscadas sem volta”.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *Jonathas de Andrade: Permanência Relâmpago*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2025)
- *Jonathas de Andrade: Gueule de bois tropicale et autres histoires*, Jeu de Paume, Tours, França (2025)
- *Le Syndicat des Olympiades*, La Galerie, Noisy-le-Sec, França (2024)
- *Olho-Faísca*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2023)
- *Com o coração saindo pela boca*, 2022, Pavilhão Brasil, 59ª Bienal de Veneza
- *Eye-Spark*, CRAC Alsace, Altkirch, França (2022)
- *O rebote do bote*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
- *Staging Resistance*, Fotografiemuseum Amsterdam (Foam), Amsterdã, Holanda (2022)
- *Jonathas de Andrade: One to One*, Museum of Contemporary Art Chicago (MCA), Chicago, EUA (2019) *Visões do Nordeste*, Museo Jumex, Cidade do México, México (2017)
- *O peixe*, New Museum, Nova York, EUA (2017)
- *Convocatória para um mobiliário nacional*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2016)
- *Museu do Homem do Nordeste*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *O Mundo é o Teatro do Homem*, Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil (2022)
- 16ª e 12ª Bienal de Istambul, Istambul, Turquia (2019 e 2011)
- 13ª e 10ª Bienal de Sharjah, Emirados Árabes (2017 e 2011)
- 32ª e 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2016 e 2010)
- 12th Lyon Biennial, France (2013)
- New Museum Triennial, New York, USA (2012)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museo del Barrio, Nova York, EUA
- Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia (MNCARS), Madri, Espanha
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Museum of Modern Art (MOMA), Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

de volta ao trabalho do artista ↑

mônica ventura

n. 1985, São Paulo, Brasil

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Mônica Ventura é uma artista visual e designer, formada em Desenho Industrial pela FAAP, e mestre em Poéticas Visuais (PPGAV) pela ECA-USP, cujo trabalho investiga as complexas intersecções entre o feminino e a racialidade. Através de uma pesquisa aprofundada, a artista resgata e reinterpreta elementos culturais pré-coloniais como a arquitetura e as técnicas de trabalho manuais dos povos afro-ameríndios. Para Ventura, esse mergulho em saberes ancestrais é uma forma de reconexão pessoal. “A ancestralidade é uma chave para lembrarmos de quem somos e de seguir se desvinculando do plano colonizador que visa polir a individualidade”, explica.

Sua prática multidisciplinar abrange vídeo, escultura e pintura, permitindo-lhe transitar entre o espiritual e o concreto, e dar voz às experiências multifacetadas das mulheres negras, com um olhar que combina força e a delicadeza do feminino. Ao desafiar o formalismo estético, Ventura cria um “belo ruído organizado”, que convida o público a refletir sobre identidade, memória e poder.

exposições individuais selecionadas

- *A Noite Suspensa ou o que posso aprender com o Silêncio*, Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil (2023)
- *O Sorriso de Acotirene*, Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)

selected group exhibitions

- *Cantando Bajito: Incantations*, Ford Foundation, Nova York, EUA (2024)
- *Encruzilhadas da Arte Afro-brasileira*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), São Paulo, Brasil (2023)
- *Brasil Futuro: Formas da Democracia*, Museu da República, Brasília, Brasil (2023)
- *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Enciclopédia Negra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *Histórias Feministas*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2019)

selected collections

- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

asuka anastacia ogawa

n. 1988, Tóquio, Japão
vive e trabalha em Los Angeles

Nascida no Japão, Asuka Ogawa viveu parte da infância e adolescência no Brasil, completou seus estudos na Suécia e graduou-se na na Central Saint Martins, em Londres. A diversidade cultural que permeou seus anos formativos teve grande impacto em sua produção artística, que incorpora diferentes referências visuais, crenças e tradições.

Suas pinturas oníricas, com fundos monocromáticos e vibrantes, trazem representações frontais de crianças andróginas, semelhantes a bonecas, e construídas com grande economia formal, tendo seus rostos cuidadosamente construídos e olhos amendoados que parecem mirar para além do quadro. O esquema de construção dessas composições pictóricas, que por sua economia formal e intensidade cromática trazem uma certa aura de mistério, acaba por aproximá-las de imagens de natureza espiritual. Existe em sua poética grande referencia de sua própria ancestralidade, que combina elementos japoneses e afro-brasileiros. Nas palavras da artista: “Embora eu não tenha um tema quando pinto, estou sempre pensando em minha mãe, avó e bisavó, e na beleza, força, luta e amor de nossos ancestrais.”

Esse legado ancestral fica visível nos demais elementos que compõem as telas de Asuka, como vestimentas, adereços, objetos e animais. As situações em que estão inseridos esses personagens são bastante enigmáticas e, mesmo cenas banais e cotidianas como uma lavagem de roupa ou um jogo entre crianças, nas telas de Asuka ganham contornos metafísicos, carregadas de simbolismos que conectam a artista às suas diversas raízes.

exposições individuais selecionadas

- *Melinha*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2024)
- *Pedra*, Blum & Poe, Los Angeles, EUA (2023)
- *Tamago*, Blum & Poe, Los Angeles, EUA (2022)
- *Feijão*, Half Gallery, Nova York, EUA (2019)
- *Soup*, Henry Taylor’s, Los Angeles, EUA (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Japan in/out Brazil*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2024)
- *Room by room: concepts, themes and artists in The Rachosfy Collection*, The Warehouse, Dallas, EUA (2023)
- *Co-respondences: Brazil and abroad*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *5471 Miles*, Blum & Poe, Los Angeles, EUA (2020)
- *Don’t Eat Me*, Deli Gallery, Nova York, EUA (2018)

-
- *Early 21st Century Art*, Almine Rech Gallery, Londres, Reino Unido (2018)

coleções selecionadas

- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA
- Nasher Museum of Art, Duke University, Durham, EUA
- X Museum, Pequim, China

de volta ao trabalho do artista ↑

isaac julien

n. 1960, Londres, Reino Unido, onde vive e trabalha

Isaac Julien é um dos mais importantes e influentes artistas britânicos nos campos da instalação e do cinema. Em seu trabalho, ele utiliza elementos provenientes de disciplinas e práticas variadas (entre elas cinema, fotografia, dança, música, teatro, pintura e escultura), integrando-os em instalações audiovisuais dramáticas, obras fotográficas e documentários. A pluralidade não se faz presente apenas nas linguagens agenciadas em seu processo, mas também no resultado, exibido em instalações compostas por múltiplas telas e, por vezes, fotografias. Suas imagens deslumbrantes e potentes articulam uma linguagem visual única e poética.

Os trabalhos de Julien surgem de investigações sobre personalidades proeminentes do século XX, tais como Langston Hughes, Frantz Fanon e Lina Bo Bardi, atuando, muitas vezes, de modo a revisar as narrativas históricas oficiais. Apesar do principal meio de produção do artista ser o vídeo, a fotografia possui papel fundamental no seu processo. Em suas fotos, encontramos a síntese estética de seu trabalho audiovisual, assim como sua renovação, a partir de procedimentos de colagem e fotomontagem.

Seu filme *Young Soul Rebels* (1991) recebeu o prêmio Semaine de la Critique no Festival de Cinema de Cannes. *Frantz Fanon: Black Skin, White Mask* (1996), co-dirigido por Mark Nash, venceu o Grande Prêmio Pratt and Whitney Canada. Julien também foi contemplado com o Prêmio McDermott do MIT e o Prêmio The Golden Gate Persistence of Vision (2014), no Festival de Cinema de São Francisco. Em 2015, Isaac Julien recebeu o Prêmio Kaino por Excelência Artística.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *Lina Bo Bardi - Um Maravilhoso Emaranhado*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2025)
- *Lessons of the hour: Frederick Douglas*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2024)
- *Isaac Julien – Fantôme Afrique*, Ruby City, San Antonio, EUA (2023)
- *What Freedom is to me*, Tate Britain, Londres, Reino Unido (2023)
- *Once Again...(Statues Never Die)*, Barnes Foundation, Philadelphia, EUA (2022)
- *Lessons of the Hour*, Metro Pictures; Memorial Art Gallery (MAG), Nova York, EUA (2019)
- *Western Union: Small Boats*, ARoS Aarhus Kunstmuseum, Aarhus, Dinamarca (2018)
- *To the End of the World*, Galerie Forsblom, Estocolmo, Suécia (2018)

exposições coletivas selecionadas

- *Whitney Biennial 2024: Even Better than The Real Thing*, Nova York, EUA (2024)
- *Black Diasporas: 21st Century Art and*

- Poeticas*, LACMA, Los Angeles, EUA (2023)
- *Thinking Historically in the Present – Sharjah Biennial 15*, Sharjah, Emirados Arabes Unidos (2023)
- *Sweat*, Haus der Kunst, Munique, Alemanha (2021)
- *57ª Bienal de Veneza*, Itália (2017)
- *Coming Out: Sexuality, Gender and Identity*, Walker Museum, Liverpool; Birmingham Museum and Art Gallery, Birmingham, Reino Unido (2017)
- *The Shadow Never Lies*, Minsheng Museum, Shanghai, China (2016)
- *Trienal de Paris*, França (2012)

coleções selecionadas

- Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- SFMoMA, San Francisco, EUA
- Young Museum, San Francisco, EUA

de volta ao trabalho do artista ↑

carlito carvalhosa
n. 1961, São Paulo, Brasil
m. 2021, São Paulo, Brasil

A obra de Carlito Carvalhosa envolve predominantemente as linguagens da instalação, da pintura e da escultura. Nos anos 1980, integrou o Grupo Casa 7, em São Paulo, do qual faziam parte também Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro. As tendências do neoexpressionismo eram visíveis na produção desses artistas, sobretudo a utilização de superfícies de grandes dimensões e a ênfase no gesto pictórico. No fim dessa década, após a dissolução do grupo e alguns experimentos com encáustica, Carvalhosa concebeu quadros com cera pura ou misturada a pigmentos. Nos anos 1990, dedicou-se à produção de esculturas de aparência orgânica e maleável, utilizando materiais diversos, caso das “ceras perdidas”. Ainda em meados dessa década, fez também esculturas em porcelana.

Carvalhosa atribui profunda eloquência à materialidade do suporte, mas a transcende e aborda questões mais amplas, relativas às transformações do espaço e do tempo. Deparamo-nos, em sua prática, com a tensão entre forma e matéria, explicitada na disjunção entre o visível e o tátil. Aquilo que vemos não é o que tocamos, assim como o que se toca não é o que se vê. Desde o início dos anos 2000, o artista tem realizado pinturas sobre superfícies espelhadas que, nas palavras do curador Paulo Venâncio Filho, “colocam nossa presença dentro delas”. Não raro, Carvalhosa realiza instalações em que, além de técnicas usuais, faz uso de materiais como tecidos e lâmpadas.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *Carlito Carvalhosa - A Metade do Dobro*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2024)
- *A Natureza das Coisas*, Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil (2024)
- *Matter as Image. Works from 1987 to 2021*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- *I Want to Be Like You*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sala de espera*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2013)
- *Sum of Days*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2011)
- *Corredor*, Projeto Parede, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2008)

exposições coletivas selecionadas

- *Sensory Poetics: Collecting Abstraction*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2022)

- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019); Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- 10ª Bienal de Curitiba, Brasil (2015)
- *Rio (River)*, Performance, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2014)
- 30ª e 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (2013 e 1985)
- 3ª Bienal do Mercosul, Brasil (2001)

coleções selecionadas

- Salomon R. Guggenheim Museum, New York, USA
- Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO), Miami, EUA
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA

de volta ao trabalho do artista ↑

jose dávila
n. 1974, em Guadalajara, México, onde vive e trabalha

Há mais de vinte anos Jose Dávila tem atuado principalmente no campo da escultura, criando trabalhos em que diferentes materialidades são articuladas em arranjos precários. Seus trabalhos, também se desdobram na produção de imagens em diferentes mídias como o desenho, a pintura e a gravura. O equilíbrio, alcançado a partir do agenciamento da energia gravitacional, é um dos principais métodos composicionais do artista, assim como a serialidade e o empilhamento, gerando formas que criam tensões não só visuais, mas físicas. A aparente instabilidade de suas peças instaura um estado de atenção que apura nossa percepção do espaço, também posta em cheque ao nos conduzir a encarar os elementos empregados em sua construção sob diferentes perspectivas, observando como são capazes de fazer coexistir a brutalidade e a fragilidade, a forma orgânica e forma artificial, a organização e o caos, a ameaça e o convívio.

A prática de Dávila se baseia em abordagem original das propriedades fundamentais do meio escultórico, tais como peso, densidade, forma, solidez, volume e massa. A esses aspectos somam-se as características das próprias matérias, que podem ser empregadas em estado bruto, como rochas, ou após terem passado por processos industriais, como estruturas de metal, concreto e vidro, fazendo do trabalho do artista o resultado expressivo da vontade construtiva humana. Articulando diferentes objetos, muitas vezes com auxílio de cordas e fios, ou apoiando-os um nos outros, o artista dá protagonismo às forças físicas, explicitadas pela relação de dependência entre as formas e fazendo-nos notar os diversos ritmos propostos pelas dinâmicas e tensões internas à sua configuração.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *El pasado nunca es el mismo*, Casa Wabi, Puerto Escondido, México (2024)
- *Um pirata, um poeta, um peão e um rei*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Las piedras saben esperar*, Centro Internazionale di Scultura, Peccia, Suíça (2021)
- *Directional Energies*, Dallas Contemporary, Dallas, EUA (2020)
- *Pensar como una montaña*, Museo Amparo, Puebla, México (2019)
- *Non tutti quelli che vagano sono persi*, Museo del Novecento, Florença, Itália (2018)
- *Die Feder und der Elefant*, Kunsthalle Hamburg, Hamburgo, Alemanha (2017)
- *Jose Dávila: The Object and the Environment*, Jumex Museum, Cidade do México, México (2016)

exposições coletivas selecionadas

- 16ª Bienal de Lyon, França (2022)
- 22ª Bienal de Sidney, Austrália (2020)
- 13ª e 12ª Bienal de Havana, Cuba (2019 e 2017)
- *Walking Through Walls*, Gropius Bau, Berlim, Alemanha (2019)
- *Cher(es) ami(e)s*, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2016)
- *Panorama. Foreigners everywhere*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2009)
- *Eco. Mexican Contemporary Art*, Museo Nacional Centro de Artes Reina Sofia (MNCARS), Madri, Espanha (2005)

coleções selecionadas

- *Solomon R. Guggenheim Museum*, Nova York, EUA
- *Centre Georges Pompidou*, Paris, França
- *Pérez Art Museum*, Miami, EUA
- *Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía* (MNCARS), Madri, Espanha
- *Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim*, Brumadinho, Brasil
- *Hamburger Kunsthalle*, Hamburgo, Alemanha

de volta ao trabalho do artista ↑

artur lescher

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

O paulistano Artur Lescher destaca-se no atual panorama da arte contemporânea brasileira por suas obras tridimensionais. Há mais de trinta anos, ele apresenta um sólido trabalho, resultado de uma pesquisa em torno da articulação entre matéria, forma e pensamento. São trabalhos que excedem o caráter de escultura e cruzam as linguagens da instalação e do objeto, a fim de modificar a compreensão destas e do espaço em que se inserem. Ao mesmo tempo que sua prática está atrelada a processos industriais, sua produção não tem por único fim a forma. Ao escolher nomear obras como *Rio Máquina*, *Metamérico* ou *Inabsência*, Lescher sugere narrativas, por vezes contraditórias ou provocativas, que abrem espaço para o mito e a imaginação.

Lescher obteve reconhecimento no âmbito nacional a partir de sua participação na 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, onde apresentou *Aerólitos*, obra que consiste no diálogo estabelecido entre dois balões de ar quente, cada um com onze metros de comprimento. Um deles se habitava o interior do pavilhão da mostra, e o outro, a área externa. Ao justapor sólidas estruturas geométricas e materiais resistentes como metal, pedra, madeira, latão e cobre a outros que guardam características de impermanência ou inconstância, como água, azeite e sal, Lescher enfatiza a imponderabilidade, ou “a inquietude”, como observou o crítico e curador Agnaldo Farias em relação a “suas peças, contrariando suas aparências exatas e limpas, passa-nos uma sensação de inquietude, como se nós, espectadores, estivéssemos na iminência de assistir a irrupção de algo, (...), que pode desembocar na violência, no atracamento de materiais, na deformação de um corpo, rastros de uma ação já encerrada.”

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *Entangled Fields - Zurich Art Prize 2025*, Zurique, Suíça (2025)
- *Artur Lescher*, Instituto Artium, São Paulo, Brasil (2023)
- *Observatório*, Farol Santander, Porto Alegre, Brasil (2022)
- *Artur Lescher: Suspensão*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2019)
- *Asterismos*, Almine Rech Gallery, Paris, França (2019)
- *Porticus*, Palais d'Iéna, Paris, França (2017)
- *Inner Landscape*, Piero Atchugarry Gallery, Pueblo Garzón, Uruguai (2016)

exposições coletivas selecionadas

- 3rd Forever is Now, Pirâmide de Gizé, Egito (2023)
- Form Follows Energy, Lago / Algo, Cidade do México, México (2022)
- Tension and Dynamism Atchugarry Art Center, Miami, EUA (2018)

-
- Mundos transversales – Colección permanente de la Fundación Pablo Atchugarry, Fundación Pablo Atchugarry, Maldonado, Uruguai (2017)
 - Everything You Are I Am Not: Latin American Contemporary Art from the Tiroche DeLeon Collection, Mana Contemporary, Jersey, EUA (2016)
 - El círculo caminaba tranquilo, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires (MAMBA), Buenos Aires, Argentina (2014)
 - The Circle Walked Casually, Deutsche Bank KunstHalle, Berlim, Alemanha (2013)

coleções selecionadas

- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Philadelphia Museum of Art, Filadélfia, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

julio le parc
n. 1928, Mendoza, Argentina
vive e trabalha em Cachan, França

Julio Le Parc é reconhecido internacionalmente como um dos principais nomes da arte óptica e cinética. Ao longo de seis décadas, ele realizou experiências inovadoras com luz, movimento e cor, buscando promover novas relações entre arte e sociedade a partir de uma perspectiva utópica. Suas telas, esculturas e instalações abordam questões relativas aos limites da pintura a partir de procedimentos que se aproximam da tradição pictórica na história da arte, como o uso de acrílico sobre tela, ao mesmo tempo que investigam potencialidades cinéticas em *assemblages*, instalações e aparelhos maquínicos que exploram o movimento real e a atuação da luz no espaço.

Pioneiro do gênero óptico e cinético, Julio Le Parc foi cofundador do Groupe de Recherche d’Art Visuel (1960–1968), coletivo de artistas que se propunha a incentivar a interação do público com a obra, a fim de aprimorar suas capacidades de percepção e ação. De acordo com essas premissas, somadas à aspiração, bastante disseminada na época, de uma arte desmaterializada, indiferente às demandas do mercado, o grupo se apresentava em locais alternativos e até na rua. As obras e instalações de Julio Le Parc, feitas com nada além da interação entre luz e sombra, são resultado direto desse contexto, no qual a produção de uma arte fugaz e não vendável assumia claro tom sociopolítico.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *Julio Le Parc: The Discovery of Perception*, Palazzo Delle Papesse, Siena, Itália (2024)
- *Julio Le Parc: Couleurs*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2024)
- *Quintaesencia*, Museo de Arte Contemporáneo Atchugarry (MACA), Punta del Este, Uruguai (2023)
- *Julio Le Parc: Un Visionario*, Centro Cultural Néstor Kirchner, Buenos Aires, Argentina (2019)
- *Julio Le Parc 1959*, Metropolitan Museum of Art (Met Breuer), Nova York, EUA (2018)
- *Julio Le Parc: Da forma à ação*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2017)
- *Julio Le Parc: Form into Action*, Perez Art Museum, Miami, EUA (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Electric Dreams: Art and Technology Before the Internet*, Tate Modern, Londres, Reino Unido (2024)
- *Parallel Inventions: Julio Le Parc, Heinz Mack*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Action <-> Reaction: 100 Years of Kinetic Art*, Kunsthal Rotterdam, Rotterdam,

- Países Baixos (2018)
- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Museum of Modern Art, Varsóvia, Polônia (2017)
- *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, Il Pacific Standard Time: LA/LA (Il PST: LA/LA), Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)
- *Retrospect: Kinetika 1967*, Belvedere Museum, Viena, Áustria (2016)
- *The Illusive Eye*, El Museo del Barrio, Nova York, EUA (2016)

coleções selecionadas

- Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA
- Daros Collection, Zurique, Suíça
- Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA
- Musée d’Art Moderne de la Ville de Paris, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA

abraham palatnik
n. 1928, Natal, Brasil
m. 2020, Rio de Janeiro, Brasil

Abraham Palatnik é figura central da arte cinética e óptica no Brasil. Seu interesse pelas possibilidades criativas das máquinas evoca a relação entre arte e tecnologia. O artista formou-se em engenharia, o que contribuiu para que desenvolvesse investigações técnicas focadas na experimentação com o movimento e a luz, realizando proposições baseadas no fenômeno visual que tornaram seu trabalho conhecido ao longo de sete décadas de produção. Destacou-se no cenário artístico a partir do final da década de 1940, momento em que cria seu primeiro Aparelho cinecromático (1949), peça em que reinventa a prática da pintura por meio do movimento coreografado de lâmpadas de diferentes voltagens em distintas velocidades e direções que criam imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), essa instalação de luz recebeu Menção Honrosa do júri internacional por sua originalidade. Integrou também, a partir de meados da década de 1950, o Grupo Frente, vertente carioca do Construtivismo brasileiro, ao lado de artistas como Lygia Pape e Ivan Serpa, e críticos como Ferreira Gullar e Mário Pedrosa.

As séries de progressões e relevos que iniciou posteriormente, feitas em materiais diversos (como madeira, cartão duplex ou acrílico), apresentam efeitos ópticos e cinéticos criados a partir de um meticuloso processo manual. O resultado são composições abstratas marcadas por um padrão rítmico que remete ao movimento de ondas irregulares.

saiba mais sobre o artista

- exposições individuais selecionadas**
 - *Abraham Palatnik: O sismógrafo da cor*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
 - *Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte (2021); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro (2017); Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre (2015); Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba (2014); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo (2014); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-DF), Brasília, Brasil (2013)
 - *Abraham Palatnik: Em movimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
 - *Abraham Palatnik: Progression*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
 - *Palatnik, une discipline du chaos*, Galerie Denise René, Paris, França (2012)

- exposições coletivas selecionadas**
 - *Sur moderno: Journeys of Abstraction – The Patricia Phelps de Cisneros Gift*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York,

- EUA (2019)
 - *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Museum of Modern Art in Warsaw, Varsóvia, Polônia (2017)
 - *Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950–1980*, Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA (2018)
 - *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)

- coleções selecionadas**
 - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
 - Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
 - Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
 - Royal Museums of Fine Arts of Belgium, Bruxelas, Bélgica
 - William Keiser Museum, Krefeld, Alemanha

heinz mack
n. 1931, Lollar, Alemanha
vive e trabalha entre Mönchengladbach, Alemanha e Ibiza, Espanha

Ao longo da sua carreira, Heinz Mack tem desenvolvido uma prática ancorada nas investigações sobre a luz, a temporalidade e o movimento. Sua abordagem original pode ser vista em instalações, esculturas e trabalhos em papel. Mack iniciou sua carreira na década de 1950, quando fundou, ao lado de Otto Piene, o Grupo ZERO (1957–1966), ao qual mais tarde viria a se juntar Gunther Uecker, em 1961. O objetivo do coletivo estava em criar um espaço desprovido de estruturas prévias, um lugar silencioso no qual poderiam se originar novas possibilidades. Mack também manteve contato próximo com Yves Klein, com quem desenvolveu uma grande amizade que os levariam a colaborar em inúmeras ocasiões, e que seria responsável por lhe apresentar a Jean Tinguely, revelando um universo de experimentações que informaram sua própria busca pela pureza estética, pelo essencial. O próprio artista sintetiza: “O objetivo é alcançar a clareza pura, grandiosa e objetiva, livre da expressão romântica e arbitrariamente individual. Em meu trabalho eu exploro e busco fenômenos estruturais, cuja lógica estrita eu interrompo ou amplio por meio de intervenções aleatórias, ou seja, de eventos fortuitos.”

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *Heinz Mack*, Fondation Le Corbusier, Paris, França (2025)
- *The light in Me*, Osthaus Museum, Hagen, Alemanha (2023)
- *Vibration of Light*, Biblioteca Nazionale Marciana, Veneza, Itália (2022)
- *Paragold*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Taten Des Lichts: Mack & Goethe*, Goethe-Museum, Düsseldorf, Alemanha (2018)
- *Heinz Mack – From Time to Time. Painting and Sculpture*, 1994–2016, Palais SchönbornBatthyány, Viena, Áustria (2016)
- *Mack – Just Light and Color*, Sakip Sabanci Museum, Istambul, Turquia (2016)
- *Heinz Mack – The light of my colors*, Museum Ulm, Ulm, Alemanha (2015)
- *Mack – The Language of My Hand*, Museum Kunstpalast, Düsseldorf, Alemanha (2011)
- *Heinz Mack – Licht der ZERO-Zeit*, Ludwig Museum im Deutschherrenhaus, Koblenz, Alemanha (2009)

exposições coletivas selecionadas

- *Parallel inventions: Julio Le Parc, Heinz Mack, Nara Roesler*, Nova York, EUA (2023)
- *The Sky as Studio – Yves Klein and his*

- contemporaries*, Pompidou Metz, Metz, França (2021)*New Beginnings: Between Gesture and Geometry*, Georgem Economou Collection, Atenas, Grécia (2016)
- *Facing the Future. Art in Europe, 1945–1968*, Palais des Beaux Arts, Bruxelas, Bélgica (2016)
- *ZERO: Let Us Explore the Stars*, Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda (2015)
- *ZERO: Countdown to Tomorrow, 1950s–60s*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2015)
- *The Sky Over Nine Columns*, Bienal de Veneza, Itália (2014)
- 35th Venice Biennale, Itália (1970)
- *Documenta II* (1959) and *Documenta III* (1966), Kassel, Alemanha

coleções selecionadas

- Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington DC, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate, Londres, Reino Unido

de volta ao trabalho do artista ↑

sérgio sister
n. 1948, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Sérgio Sister iniciou sua produção no final da década de 1960, período em que atuou como jornalista e se aproximou da militância política de resistência ao regime militar brasileiro (1964–1985). Em 1970, Sister foi preso pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops-SP) e, durante dezenove meses, esteve encarcerado no Presídio Tiradentes, em São Paulo, participando de oficinas de pintura realizadas na instituição. Como parte da geração 80, ele revisita uma antiga temática pictórica: a interação entre superfície e tridimensionalidade, na tentativa de liberar a pintura no espaço. O que marcou sua produção da época é a superposição de camadas cromáticas, resultando em campos de cor autônomos que coexistem harmoniosamente.

Hoje, seu trabalho combina pintura e escultura. Ele utiliza suportes derivados de estruturas encontradas e de sistemas designados a servir a nossas necessidades cotidianas, como observado nas séries *Ripas*, produzida desde o final dos anos 1990, e *Caixas*, desde 1996, cujos nomes referem-se aos produtos manufaturados dos quais derivam. São pinturas escultóricas feitas a partir de vigas de madeira encontradas, lembrando engradados, pórticos ou caixilhos de janelas. Sister pinta as vigas de madeira em várias cores e as dispõe em configurações que fazem surgir variadas profundidades, sombras e experiências de cor.

[clique para ver cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Pintura entre frestas e cavidades*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Pintura e vínculo*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Then and Now*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sérgio Sister: O sorriso da cor e outros engenhos*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Sérgio Sister*, Kupfer Gallery, Londres, Reino Unido (2017)
- *Sergio Sister: Malen Mit Raum*, Schatten und Luft, Galerie Lange + Pult, Zurique, Suíça (2016)
- *Expanded Fields*, Nymphe Projekte, Berlim, Alemanha (2016)
- *Ordem desunida*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Co/respondências: Brasil e exterior*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Entre tanto*, Casa de Cultura do Parque, São Paulo, Brasil (2020)

- *A linha como direção*, Pina Estação, São Paulo, Brasil (2019)
- *The Pencil is a Key: Art by Incarcerated Artists*, Drawing Center, Nova York, EUA (2019)
- *Géométries Américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l’Art Contemporain, Paris, França (2018)
- *AI-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *MAC USP no século XXI – A era dos artistas*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- François Pinault Collection, Veneza, Itália
- Fundación/Colección Jumex, Cidade do México, México
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

manoela medeiros

n. 1991, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Paris, França

Em seu trabalho Manoela Medeiros interroga os meios artísticos além de seus formatos convencionais, onde pinturas e instalações *in situ* servem para explorar as relações entre espaço, tempo e a corporeidade da arte e do espectador. Em uma perspectiva híbrida do pictórico, Medeiros articula uma abordagem da pintura que ultrapassa a especificidade de seu próprio meio, utilizando recursos da escultura, da performance e da instalação.

Intervindo muitas vezes de maneira direta nos espaços expositivos, sua obra sobrepõe as temporalidades da própria prática artística e do ambiente construído no qual se insere. Medeiros concebe a obra a partir de detalhes do lugar, sejam eles materiais, elementos estruturais ou até mesmo sua relação com a iluminação, natural e artificial. Sua prática introduz no espaço uma organicidade ao expor suas entranhas, ou estruturas, fazendo da arquitetura não apenas uma estrutura, mas um corpo.

A prática de Medeiros comporta procedimentos arqueológicos, tornando visível aquilo que muitas vezes subjaz, assim como se nutre da ideia de ruína, um índice espacial da passagem do tempo. Medeiros escava as superfícies, como as paredes do espaço expositivo, para trazer à tona suas sucessivas camadas, as diferentes cores e materiais que ali foram aplicados e que permaneciam esquecidas. Desse modo, a artista visa refundar nossa experiência temporal ao expor, simultaneamente, suas sucessivas camadas, cada qual portadora da memória do momento em que foi aplicada, deixando-as coexistir e interpenetrar-se. Medeiros opera entre a construção e a destruição, mostrando sua complementaridade, mais do que seu antagonismo

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- O carnaval da substância, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- Concerto a céu aberto, Kubik Gallery, Porto, Portugal (2020)
- L’être dissout dans le monde, Galerie Chloé Salgado, Paris, França (2019)
- Poeira varrida, Galeria Fortes D’Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2017)
- Falling Walls, Double V Gallery, Marselha, França (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Primer Aviso*, Space Julio, Paris, França (2024)
- *Ni Drame Ni Suspense*, Friche Belle de Mai, Marselha, França (2023)

-
- Afirmacão - Brésil, l’affirmation d’une generation, La Galerie du Jour, Paris, França (2023)
 - Arqueologias no presente, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
 - Recycler / Surcycler, Fondation Villa Datris, L’Isle-sur-la-Sorgue, França (2020)
 - Reservoir, 019, Ghent, Bélgica (2020)
 - Vivemos na melhor cidade da América do Sul, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2018)
 - Hall-statt, Galeria Fortes D’Aloia e Gabriel, São Paulo, Brasil (2016)
 - In Between, Galeria Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2016)
 - 11º Abre Alas, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, Brasil (2015)

de volta ao trabalho do artista ↑

antonio dias
n. 1944, Campina Grande, Brasil
m. 2018, Rio de Janeiro, Brasil

Antonio Dias iniciou sua carreira na década de 1960, produzindo obras marcadas pelo conteúdo de crítica política na forma de pinturas, desenhos e assemblages típicas do Neofigurativismo e da Pop Art brasileiros, o que lhe rendeu o rótulo de representante da Nova Figuração brasileira. No entanto, sua prática dialoga também com o legado do movimento concretista e com impulso revolucionário da Tropicália. A partir de 1966, ao se autoexilar em Paris, após críticas sutis à ditadura militar brasileira, o artista entrou em contato com nomes do movimento de vanguarda italiano ‘Arte Povera’, entre eles Luciano Fabro e Giulio Paolini. Nesse contexto europeu, voltou-se cada vez mais para a abstração, transformando seu estilo.

Em seguida, Dias partiu para a Itália e adotou uma abordagem conceitual, criando pinturas, vídeos, filmes, registros e livros de artista, utilizando cada uma dessas mídias para questionar o sentido da arte. Ao abordar o erotismo, o sexo e a opressão política de forma lúdica e subversiva, construiu uma obra ímpar e conceitual, dotada de sofisticação formal e permeada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte. Na década de 1980, voltou novamente sua atenção à pintura, realizando experimentos com pigmentos metálicos e minerais – como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite – misturados a aglutinantes diversos. A maioria de suas obras desse período apresenta brilho metálico e contém grande variedade de símbolos – ossos, cruzes, retângulos, falos –, que remetem às suas primeiras produções.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *Search for an Open Enigma*, Sharjah Art Foundation, Sharjah, EAU (2024)
- *Antonio Dias: Derrotas e vitórias*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2021)
- *Antonio Dias: Ta Tze Bao*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Antonio Dias: O ilusionista*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Una collezione*, Fondazione Marconi, Milão, Itália (2017)
- *Antonio Dias – Potência da pintura*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *Pop Brasil: Vanguarda e Nova Figuração 1960-70*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2025)
- *This Must Be the Place: Latin American Artists in New York, 1965–1975*, Americas Society, Nova York, EUA (2021)

- *Pop América, 1965–1975*, Mary & Leigh Block Museum at Northwestern University, Evanston (2019); Nasher Museum of Art at Duke University, Durham (2019); McNay Art Museum, San Antonio (2018), EUA
- *Invenção de origem*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2018)
- 34ª e 33ª Bienal de São Paulo, Brasil (2018)
- *Mario Pedrosa – On the Affective Nature of Form*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2017)

coleções selecionadas

- Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Daros Latinamerica Collection, Zurique, Suíça
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Sharjah Art Foundation, Sharjah, Emirados Árabes Unidos
- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

brígida baltar

n. 1959, Rio de Janeiro, Brasil

m. 2022, Rio de Janeiro, Brasil

O trabalho de Brígida Baltar transita entre as linguagens do vídeo, da performance, da instalação, do desenho e da escultura. A artista começou a desenvolver sua obra na década de 1990, por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê, localizada em Botafogo, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Durante quase dez anos, Baltar colecionou os materiais da vida doméstica, como a água que escorria de goteiras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes. As ações caseiras, em seguida, expandiram-se para o ambiente exterior, originando obras como a série *Coletas*, em que ela busca capturar o orvalho e a maresia, dedicando-se à tarefa impossível de captar o intangível. Por outro lado, da poeira de tijolos resultaram, ainda, desenhos de montanhas e florestas cariocas feitos em papel ou diretamente sobre as paredes, entrelaçando seu trabalho passado com o atual, tornando-os mais do que meras descrições das elevações do terreno e das florestas.

Muitas vezes, a artista encontrou na fabulação um método de trabalho, aproximando e incorporando o humano e o animal, redefinindo nossa relação com o universo natural em trabalhos como *Maria Farinha*, *Casa de Abelha* e *Voar*. A relação entre corpo e abrigo, uma das tônicas de seu trabalho, é explicitada na série de esculturas em cerâmica dissolvidas pela artista, em que as formas de conchas do mar fundem-se com aquelas do corpo humano. No final de sua vida, a artista se debruçou sobre o bordado, produzindo trabalhos que se relacionam com seu corpo e, em especial, sua pele, reafirmando sua habilidade de abordar conceitos filosóficos e sensações a partir de sua própria experiência pessoal.

saiba mais sobre o artista

- exposições individuais selecionadas

 - *Brígida Baltar: Pontuações*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
 - *Brígida Baltar (1959-2022): To Make the World a Shelter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
 - *Brigida Baltar: Filmes*, Espaço Cultural BNDES, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
 - *A carne do mar*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
 - SAM Art Project, Paris, França (2012)
 - *O amor do pássaro rebelde*, Cavaleriças, Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil (2012)
 - *Brigida Baltar – Passagem Secreta*, Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2007)

- exposições coletivas selecionadas

 - *Fullgás - Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
 - *Terra abrecaminhos*, Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil (2023)
 - *Meu corpo: Território de disputa*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)

- *A dobra no horizonte*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
 - 12ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2020)
 - *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
 - *I Remember Earth*, Magasin des horizons, Centre d’arts et de Cultures, Grenoble, França (2019)
 - *Neither-nor: Abstract Landscapes*, Portraits and Still Lives, Terra-Art Project, Londres, Reino Unido (2017)
 - *Constructing Views: Experimental Film and Video from Brazil*, New Museum, Nova York, EUA (2010)

- coleções selecionadas

 - Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
 - Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
 - Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
 - Museum of Contemporary Art of Cleveland (MOCA), Cleveland, EUA

lucia koch
n. 1966, Porto Alegre, Brasil
vive e trabalha em São Paulo, Brasil

O trabalho de Lucia Koch investiga questões relativas ao espaço e propõe novas formas de experienciá-lo. A artista estabelece um intenso diálogo com a arquitetura – tanto pelo modo como suas obras interferem nos lugares onde são instaladas quanto pela criação de espaços imaginários, o que desafia e reorienta a percepção do espectador.

Nas palavras do crítico e curador Dan Cameron, a artista “é uma escultora, antes de mais nada, e por isso as obras que cria demandam um grau de materialidade para poder existir”. A partir de filtros, tecidos e outros anteparos, ela opera com a luz e seus efeitos cromáticos, sempre tensionando as relações entre o dentro e o fora, a transparência e a opacidade na criação de atmosferas únicas e sensíveis.

Desde 2001, Koch fotografa interiores de caixas e embalagens vazias, que sugerem extensões virtuais dos locais onde as obras são instaladas. Esse conjunto de imagens opera fundamentalmente a partir de jogos de escala, em que o pequeno se torna imenso e habitável, indagando, assim, sobre as condições capazes de transformar o espaço em lugar e se aproximando, cada vez mais, de uma pesquisa pouco ortodoxa no campo da arquitetura.

saiba mais sobre o artista

-
- exposições individuais selecionadas**
- *People and Natural Numbers*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2025)
 - *Double Trouble*, Palais d’Iéna, Paris, França (2022)
 - *PROPAGANDA*, Instituto Inhotim de Arte Contemporânea, Brumadinho, Brasil (2021)
 - *Casa de vento*, Casa de Vidro, São Paulo, Brasil (2019) *Uma boa ordem*, Casa Wabi, Puerto Escondido, México (2019)
 - *A longa noite*, Sesc Pompéia, São Paulo, Brasil (2018)
 - *La temperatura del aire*, Fundación Caja de Burgos, Burgos, Espanha (2015)
 - *Mañana, montaña, ciudad y Brotaciones*, Flora ars + natura, Bogota, Colombia (2014)
 - *Cromoteísmo*, Capela do Morumbi, São Paulo, Brazil (2012)
 - *Correções de luz*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brazil (2007)

- exposições coletivas selecionadas**
- Islamic Arts Biennale 2025, Jeddah, Arábia Saudita (2025)
 - 1ª Bienal de Rabat, Marrocos (2019)
 - Open Spaces Kansas City Arts Experience, Kansas, EUA (2018)

-
- 2th Pacific Standard Time: LA/LA (PST: LA/LA) – *Learning from Latin America: Art, Architecture and Visions of Modernism*, Los Angeles Municipal Art Gallery (LAMAG), Los Angeles, EUA (2017)
 - *Cruzamentos: Contemporary Art in Brazil*, Wexner Center for the Arts, Columbus, EUA (2014)
 - 11ª Sharjah Biennial, Sharjah, Emirados Árabes (2013)
 - 11ª Bienal de Lyon, França (2011)
 - 8ª Bienal do Mercosul, Brasil (2011)
 - Aichi Triennale, Nagoya, Japão (2010)
 - *When Lives Become Form*, Yerba Buena Center For Arts, San Francisco, USA (2009); Contemporary Art Museum, Tokyo, Japão (2008)
 - 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006)
 - 8ª Bienal de Istambul, Turquia (2003)

- coleções selecionadas**
- J. Paul Getty Museum, Malibu, EUA
 - Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
 - Musée d’Art Contemporain de Lyon, Lyon, França
 - Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
 - Museum of Contemporary Art San Diego, San Diego, EUA
 - Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

fabio miguez
n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

A pesquisa pictórica de Fábio Miguez é voltada para a espacialidade e a materialidade. Assim como os demais membros fundadores do ateliê Casa 7, Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, Miguez, na década de 1980, era influenciado pela pintura neoexpressionista alemã. No período, seus trabalhos são marcados pelo acúmulo de matéria e pelas tonalidades escuras em composições que remetem à paisagens. Durante os anos 1990, começou a produzir, simultaneamente a seu trabalho pictórico, a série de foto *Derivas*, que foram publicadas no livro *Paisagem zero* (2013). Sua pesquisa passa a se debruçar sobre a luz, em composições abstratas, em que a gestualidade expressiva vai dando espaço à uma geometria frouxa, e as cores claras e transparentes ganham protagonismo.

Nos anos 2000, Miguez investiga a pintura no campo tridimensional, criando instalações com a sobreposição intervalada de placas de vidro pintadas, assim como suas valises que comportam objetos que permitem a interação do espectador, recombinando os diversos elementos ali presentes. Sua formação em arquitetura traz uma influência construtiva, que se manifesta em trabalhos da época em que o espaço vai ganhando contornos cada vez mais definidos. Desde 2010, Miguez se dedica à série *Atalhos*, em que se apropria de fragmentos e detalhes de pinturas de grandes mestres, reelaborando-as em pinturas de pequenas dimensões, empregando repetições e operações de inversão e espelhamento. Um desdobramento desse conjunto são as pinturas da série *Volpi*, na qual o artista se apropria de um fragmento de uma fachada do pintor itálo-brasileiro, reelaborando-a em grandes pinturas.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *Iconografias*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2025)
- *Alvenarias*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Fragmentos do real (atalhos)* – Fábio Miguez, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2018)
- *Horizonte, deserto, tecido, cimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro (2016); Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)
- *Paisagem zero*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2012)
- *Temas e variações*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2008)
- *Fábio Miguez*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2003)

exposições coletivas selecionadas

- *Cinco Ensaios sobre o MASP: Geometrias*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2025)

- *Alfredo Volpi & Fábio Miguez: Alvenarias*, Gladstone 64, Nova York, EUA (2023)
- *Oito décadas de abstração informal*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2018)
- *Casa 7*, Pivô, São Paulo, Brasil (2015)
- 5ª Bienal do Mercosul, Brasil (2005)
- 2ª Bienal de Havana, Cuba (1986)
- 18ª e 20ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985 e 1989)

coleções selecionadas

- Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil
- Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

marcos chaves

n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Apesar de ter iniciado sua carreira na primeira metade dos anos 1980 (quando a pintura ocupava lugar central na prática artística), é na utilização de diversas mídias que Marcos Chaves encontra uma das marcas de sua obra, que transita livremente entre a produção de fotografias, instalações, vídeos, palavras e sons. Essa variedade realiza-se em consonância com seu trabalho profundamente crítico e que, não obstante a coerência, permanece aberto a interpretações, especialmente em função da marcada presença de humor e ironia.

Em sua obra, é frequente a apropriação de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que evidenciam, de maneira direta, ou a partir de pequenas intervenções, o caráter extraordinário que pode habitar no prosaico. Sua produção se insere, de maneira renovada, na longa tradição de artistas que tensionam a relação entre imagem e linguagem ao propor, por exemplo, títulos sutilmente ambíguos e divertidos, que conduzem a uma reflexão bem-humorada sobre a sociedade e a cultura.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *Sangue Azul*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2025)
- *Marcos Chaves: as imagens que nos contam*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- *Marcos Chaves no MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Eu só vendo a vista*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Marcos Chaves – ARBOLABOR*, Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha (2015)
- *Logradouro*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Histórias Brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Utopias e distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2022)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)

- *Inside the Collection – Approaching Thirty Years of the Centro Pecci (1988–2018)*, Centro per l’Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- 17ª Bienal de Cerveira, Portugal (2013)
- 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011)
- Manifesta 7, Bolzano, Itália (2007)
- *All About Laughter – Humour in Contemporary Art*, Mori Art Museum, Tóquio (2006)
- 1ª e 4ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2005)
- 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha
- Ella Fontanals-Cisneros Collection, Miami, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

thiago barbalho
n. 1984, Natal, Brasil
vive e trabalha em São Roque, Brasil

Escritor e artista visual, Thiago Barbalho encontrou no desenho um modo de expressão que suplantou uma crise com a palavra. Trabalhando em diferentes dimensões e com diversos materiais (lápis de cor, grafite, spray, óleo, pastel oleoso e marcador sobre papel), suas composições trazem ao olhos do público universos intrincados, em que formas e cores se entrelaçam e embaralham em narrativas que parecem radicalizar e dotar de um ar contemporâneo e lisérgico o universo fantástico de Hieronymus Bosch.

Segundo a crítica e curadora Kiki Mazzuccheli: “Ao trabalhar essencialmente com desenho, Barbalho produz composições extremamente intrincadas, porém não planejadas, nas quais uma multiplicidade de imagens, símbolos e campos de cor se fundem umas nas outras para criar superfícies vibrantes ininterruptas”. O aparente caos de suas imagens surgem do vagar do gesto que traceja, recusando a submeter-se às lógicas formais ditadas pela racionalidade. De fato, deparamo-nos em seu trabalho com fragmentos diversos, uma profusão de referências de diferentes esferas, da cultura pop à tradição da história da arte, desierarquizando categorias e a própria relação entre figura e fundo.

Com formação em Filosofia, Barbalho se ampara em conceitos da disciplina para guiar sua prática. Nesse sentido, ele entende o desenho como uma tecnologia ancestral, que atravessa eras e culturas, sendo uma invenção da espécie humana, qualificando-a. Sua pesquisa visual vê no desenho o rastro de uma presença e da relação entre a mente – a imaginação –, e o corpo – o gesto –, entre a consciência e a realidade.

[clique para ver cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Fominha*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2025)
- *Segredos e Feitiços*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2024)
- *Cacimba Nova*, Casa de Cultura Jardim do Seridó, Jardim do Seridó, Brasil (2024)
- *Depois que entra ninguém sai*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *Correspondência*, Galeria Marília Razuk, São Paulo, Brasil (2019)
- *Thiago Barbalho*, Kupfer Project Space, Londres, Reino Unido (2018)

exposições coletivas selecionadas

- *Phantom Dance: Thiago Barbalho and Theodore Ereira Guyer*, Elizabeth XI Bauer, Londres, (2023)

-
- *Mapa da estrada: Novas obras no acervo da Pinacoteca de São Paulo*, Pinacoteca de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
 - *Electric Dreams*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)
 - *AVAF*, Casa Triângulo, São Paulo, Brasil (2018)
 - *Rocambole*, Pivô, São Paulo, Brasil (2018)
 - *Rocambole*, Kunsthalle Lissabon, Lisboa, Portugal (2019)
 - *Voyage*, Galeira Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2017)
 - *Shadows & Monsters*, Gasworks, Londres, Reino Unido (2017)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

JR

n. 1983, Paris, França
vive e trabalha entre Paris, França e Nova York, EUA

Após encontrar uma câmera fotográfica no metrô de Paris, em 2001, JR decidiu viajar pela Europa para conhecer aqueles indivíduos que se expressavam em muros e fachadas de prédios, fazendo seus retratos e os expondo nas ruas. Graças às suas grandes intervenções em espaços públicos, ele torna visível fenômenos e pessoas que costumamos ignorar. Os retratos que cria trazem expressões questionadoras, penetrantes, observadoras e solenes, que chamam nossa atenção e permanecem na nossa consciência por muito tempo após terem sido vistas. JR concebeu e realizou filmes, instalações, intervenções e trabalhos em diferentes linguagens, colaborando, muitas vezes, com o New York City Ballet, OSGEMEOS, Agnès Varda, Robert De Niro, e muitos outros artistas.

Ao desenvolver seus projetos, JR se esforça para envolver as populações locais na realização de suas proposições. O artista chama a atenção do público, para além dos visitantes típicos de museus, ao espalhar seus trabalhos nos edifícios de Paris, nas paredes do Oriente Médio, nas pontes quebradas da África ou nas favelas do Brasil. Em cada um de seus projetos, ele atua como testemunha de uma comunidade em que os habitantes não apenas veem os trabalhos, mas também os fazem. Mulheres idosas tornam-se modelos por um dia e crianças transformam-se em artistas por uma semana. A prática de JR não separa atores de espectadores e promove o encontro entre o sujeito/protagonista e o transeunte/intérprete, levantando questões, criando vínculos sociais, reunindo comunidades e conscientizando pessoas.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *O papel da mão*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *JR: Chronicles*, Lotte Museum of Art, Seul, Coreia do Sul (2023)
- *JR: Chronicles*, Kunsthalle, Munique, Alemanha (2022)
- *JR: Chronicles*, Saatchi Gallery, Londres, Reino Unido (2021)
- *JR: Chronicles*, Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2019)
- *Momentum. La Mécanique de l'Épreuve*, Maison Européenne de la Photographie, Paris, França (2018)
- *Chroniques de Clichy-Montfermeil*, Palais de Tokyo, Paris, França (2017)
- *Kikito*, fronteira México-EUA (2017)
- *JR at the Louvre*, Musée du Louvre, Paris, França (2016)

exposições coletivas selecionadas

- *Forever is Now*, Pirâmides de Gizé, Gizé, Egito (2021)

-
- *JR, Adrian Piper, Ray Johnson*, Museum Frieder Burda, Berlim, Alemanha (2019)
 - *Refuge*, 21c Museum, Bentonville, EUA (2019)
 - *Post No Bills: Public Walls as Studio and Source*, Neuberger Museum of Art, Purchase, EUA (2016)
 - *Tu dois changer ta vie*, Tripostal, Lille, França (2015)

coleções selecionadas

- Brooklyn Museum, Brooklyn, EUA
- Château La Coste, Aix-en-Provence, França
- Hong Kong Contemporary Art Foundation, Hong Kong
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Palais de Tokyo, Paris, França
- San Francisco Museum of Modern Art, San Francisco, EUA

de volta ao trabalho do artista ↑

josé patrício

n. 1960, em Recife, Brasil, onde vive e trabalha

O trabalho de José Patrício se realiza na fronteira entre instalação e pintura, misturando esses gêneros. Sua prática parte do arranjo de objetos cotidianos, tais como dominós, dados e botões, a fim de criar padrões e imagens que podem ter caráter geométrico ou orgânico, ainda que não deixem de resguardar uma familiaridade enigmática com o cotidiano, tendo em vista a possibilidade de se reconhecer aqueles elementos nas composições. Patrício despontou no mundo da arte em 1999, quando criou uma instalação para o convento de São Francisco, em João Pessoa. Na ocasião, o artista utilizou dominós como elemento-chave para muitos dos seus trabalhos. Quando vistos de longe, os padrões observados ganham uma qualidade pictórica (dada sua configuração geral) que contrasta com a natureza gráfica individual de cada peça.

Sob a influência de importantes tendências e movimentos artísticos brasileiros, como a abstração geométrica e o concretismo, Patrício enfatiza o limite sutil entre a ordem e o caos e sugere que mesmo a mais rígida das fórmulas matemáticas possui uma potencial dimensão expressiva. Para o crítico e curador Paulo Sérgio Duarte, o procedimento de acumulação de Patrício nos leva a um “patamar diferente das questões colocadas pelo progresso da ciência e da técnica para a obra de arte. [...] Incorporado, como ponto de partida, o terreno da combinatória matemática, nos encontramos com a combinação das séries, reitero, infinitas nas suas possibilidades. O problema não é mais a reprodução do mesmo; trata-se, agora, de, a partir do mesmo, produzir infinitos outros.”

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *José Patrício: Agitações pelo Número*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Infinitos Outros*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Potência criadora infinita*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *José Patrício: Algorithm in ‘Object Recognition’*, Pearl Lam Galleries Hong Kong H’Queens, Hong Kong (2018)
- *Precisão e acaso*, Museu Mineiro, Belo Horizonte; Museu Nacional de Brasília (MUN), Brasília, Brasil (2018)
- *Ponto zero*, Sesc Santo Amaro, São Paulo, Brasil (2017)
- *Explosão fixa*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Utopias e distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2022)
- *Ateliê de gravura: Da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)

-
- *Géométries américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l’art contemporain, Paris, França (2018)
 - *Spots, Dots, Pips, Tiles: An Exhibition About Dominoes*. Perez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA (2017)
 - *Asas e raízes*, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
 - 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003)
 - 22ª Bienal de São Paulo, Brasil (1994)

coleções selecionadas

- Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
- Fondation Cartier pour L’art contemporain, Paris, França
- Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
- Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

alberto pitta
n. 1961, Salvador, Brasil
vive e trabalha em Salvador, Brasil

O artista Alberto Pitta tem como elemento central de seu trabalho a estamparia têxtil e a serigrafia, embora também venha se dedicando à pintura e a obras escultóricas nos últimos anos. Com uma carreira de mais de quatro décadas, a produção de Pitta é muito ligada a festividades populares e em diálogo outras linguagens, como a indumentária, seu trabalho tem uma forte dimensão pública, tendo sido o autor de estamparias presentes em blocos afro do carnaval como o Olodum, Filhos de Gandhy e o seu próprio, o Cortejo Afro.

Sua produção de estamparias teve início na década de 1980. As mesmas apresentam signos, formas e traçados que evocam elementos tradicionais africanos e afro-diaspóricos, em especial os oriundos da mitologia lorubá, muito presente em Salvador e no recôncavo baiano. Nas palavras do curador Renato Menezes: “De fato, signos, formas e traços que evocam grafismos tradicionais africanos encontraram, sobre seus tecidos, um lugar privilegiado de educação das massas e de contação de histórias que só fazem sentido coletivamente. Se a escrita, na obra de Pitta, se organiza no conjunto de padrões e cores que reinterpretem a cosmovisão yorubá, a leitura, por outro lado, diz respeito à relação estabelecida no contato entre corpos em movimento, quando as ruas da cidade viram terreiro. Pelas dobras dos tecidos que cobrem os foliões percorre um alfabeto de letras e afetos, mobilizados pela música e pela dança: é no corpo do outro que se lê o texto que nos completa”.

exposições individuais selecionadas

- *Àkùko, Eiyéle e Ekodidé – Uma revoadada de Alberto Pitta*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2025)
- *Alafiou*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2025)
- *Outros Carnavais*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Mariwó*, Paulo Darzé Galeria, Salvador, Brasil (2023)
- *Eternidade Soterrada*, Carmo & Johnson Projects, São Paulo, Brasil (2022)
- *Homens de Ferro*, Galeria Solar do Ferrão, Salvador, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- 36ª Bienal de São Paulo – Nem todo viandante anda estradas – Da Humanidade como prática (2025)
- *Joie Collective – Apprendre a flamboyer*, Palais de Tokyo, Paris, França (2025)
- *Artistas do Vestir: Uma Costura dos Afetos*, Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2024)

-
- *24ª Bienal de Sidney*, Sidney, Austrália (2024)
 - *O Quilombismo*, Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Alemanha (2023)
 - *Political Philosophies*, Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Alemanha (2023)
 - *Encruzilhada*, Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil (2022)
- coleções selecionadas**
- Perez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA
 - Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil
 - Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil
 - Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil

laura vinci

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Laura Vinci é conhecida por sua produção em esculturas, instalações de grande porte e intervenções. Sua pesquisa está baseada nas relações entre corpo e espaço, tendo como tônica a efemeridade. Em sua prática, o espaço desponta como um organismo complexo, mediador das relações entre os diversos corpos que o compõem e habitam, sem deixar de ser suscetível à constante passagem do tempo. Suas propostas buscam, justamente, investigar os processos de movimento ou alteração da matéria, evidenciando a transitoriedade dos elementos que ocupam determinado local, assim como estimular o público a ter novas percepções sobre o ambiente ao seu redor.

Vinci iniciou sua carreira em meados da década de 1980 dedicando-se, primeiro, à pintura. Nesse momento, suas telas não se voltavam à figuração, mas tentavam realizar o quase tridimensional. Em seguida, passou a se concentrar na escultura. O interesse pelas mudanças de estado da matéria aparece em sua poética tanto pela noção de erosão – como na intervenção conhecida como “ampulheta”, desenvolvida para o projeto Arte/Cidade 3 (1997), em São Paulo – quanto através da ideia de condensação, que se realiza no seu trabalho com serpentinas de refrigeração que formam palavras congeladas. Essas características também se fazem presente em seu trabalho como diretora de arte no teatro. Vinci já colaborou com projetos de cenografia e figurino no Teatro Oficina. Atualmente, trabalha com a mundana companhia.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *Fluxos*, Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2025)
- *maquinamata*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *mundana +: Medeamaterial, mundana cia*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2019)
- *Todas as graças*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2018)
- *Papéis avulsos*, Art Center/South Florida, Miami, EUA (2014)
- *Carpe Diem Arte e Pesquisa*, Lisboa, Portugal (2010)
- *Warm White*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *El Dorado: Myths of Gold*, Americas Society, Nova York, EUA (2023)
- *Máquina do mundo: Arte e indústria no Brasil, 1901-2021*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)

-
- *O rio dos navegantes*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
 - *Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art*, São Paulo, Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
 - *Exposición 13*, La Conservera, Murcia, Espanha (2014)
 - *Beuys e bem além, ensinar como arte*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)
 - 26ª Bienal de São Paulo, Brasil (2004)

coleções selecionadas

- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

de volta ao trabalho do artista ↑

marco a. castillo

n. 1971, Havana, Cuba

vive e trabalha entre Havana, Cuba e Madri, Espanha

O cubano Marco Castillo é um dos membros fundadores do coletivo Los Carpinteros, criado em Havana, em 1992. O grupo tinha como preceitos a renúncia à autoria individual e a prática baseada na junção de elementos e formas da arquitetura, do design e da arte. Seus desenhos e instalações partem da observação de elementos materiais do nosso cotidiano. Esses aspectos são reelaborados para explorar a relação entre o funcional e o não funcional, assim como a relação entre arte e sociedade.

Em consonância com o movimento global de revisionismo histórico, Castillo reflete sobre o processo de modernização de Cuba durante as décadas de 1960 e 1970, fazendo referência a influentes artistas, arquitetos e designers cubanos. As esculturas e os trabalhos em papel de seu mais recente projeto combinam elementos do design moderno e do realismo socialista do período soviético a técnicas e materiais cubanos tradicionais – incluindo a madeira de mogno e a treliça de palha, além do desenho gráfico daquelas épocas.

Recentemente, o artista tem concentrado seu trabalho em reinterpretar obras de figuras-chave daquilo que chama de “geração esquecida”, como Gonzalo Córdoba, María Victoria Caignet, Rodolfo Fernández Suárez (Fofi), Joaquín Galván e Walter Betancourt. Assumindo um ponto de vista político, Castillo busca seguir a trilha deixada por esses artistas históricos, ao mesmo tempo que se afirma enquanto defensor e propagador da herança artística cubana.

saiba mais sobre o artista

exposições individuais selecionadas

- *The Hands of Collector*, Cranbook Art Museum, Detroit, EUA (2024)
- *Propiedad del estado*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *The Decorator’s Home*, UTA Artist Space, Los Angeles, EUA (2019)
- *El susurro del palmar*, Galerie Peter Kilchmann, Zurique, Suíça (2018)
- *La cosa está candela*, Museo de Arte Miguel Urrutia, Bogotá, Colômbia (2017)
- *Los Carpinteros*, Museo de Arte Contemporáneo de Monterrey, México (2015)
- *Ciudad Transportable*, Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA (2001)

exposições coletivas selecionadas

- *Sin Autorizacion: Contemporary Cuban Art*, Columbia University, Nova York, EUA (2022)
- *On the Horizon: Contemporary Cuban Art from the Jorge M. Pérez Collection*, Pérez Art Museum Miami, Miami, EUA (2018)
- *Everyday Poetics*, Seattle Art Museum, Seattle, EUA (2017)

- *Adiós Utopia: Dreams and Deceptions in Cuban Art Since 1950*, Walker Art Center, Minneapolis; Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2017)
- *Alchemy: Transformations in Gold*, Des Moines Art Center, Des Moines, EUA (2017)
- *Contingent Beauty: Contemporary Art from Latin America*, Museum of Fine Arts, Houston, EUA (2015)
- *The Kaleidoscopic Eye: Thyssen-Bornemisza Art Contemporary Collection*, Mori Art Museum, Tóquio, Japão (2009)
- *Bienal de Havana*, Cuba (2019, 2015, 2012, 2006, 2000, 1994, 1991)
- *13ª Bienal de Sharjah*, EAU (2017)
- *25ª Bienal de São Paulo*, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Daros Foundation, Zurique, Suíça
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

nara roesler

são paulo

av europa, 655

jardim europa, 01449-001

são paulo, sp, brasil

t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241

ipanema, 22421-030

rio de janeiro, rj, brasil

t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street

new york, 10011 ny

usa

t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art